



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
LICENCIATURA EM LETRAS-LÍNGUA ESPANHOLA E LITERATURA
ESPAÑHOLA E HISPANO-AMERICANA**

Thainá dos Santos Vieira Neiva

SUBMISSÃO FEMININA NA LITERATURA MEXICANA NOS SÉCULOS XVI-XIX

Brasília

2023

Thainá dos Santos Vieira Neiva

SUBMISSÃO FEMININA NA LITERATURA MEXICANA NOS SÉCULOS XVI-XIX

Monografia apresentada à Universidade de Brasília como requisito para aprovação como Trabalho de Conclusão de Curso de Letras- Língua Espanhola e Literatura Espanhola e Hispano-Americana.

Orientadora: María del Mar Paramos Cebey.

Brasília

2023

Thainá dos Santos Vieira Neiva

SUBMISSÃO FEMININA NA LITERATURA MEXICANA NOS SÉCULOS XVI-XIX

BANCA AVALIADORA

Prof^a. María del Mar Paramos Cebey (LET/UnB)

(Orientadora)

Prof^a. Anna Herron More (TEL/UnB)

(Membra)

Prof. José Luiz Martínez (TEL/UnB)

(Membro)

À todas as meninas que, assim como eu, tiveram ou terão de sair do seio da família para ter acesso à educação. À cada menina que enxerga na educação um meio de mudança de vida, e que, em razão disso, permanece firme ao enfrentar todos os desafios que a sociedade impõe.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por sua infinita misericórdia, bondade e fidelidade, as quais me trouxeram e me sustentaram até aqui. Seu amor não falha!

À minha mãe, Alda, quem impulsionou-me ao conhecimento, abdicando-se de si para que eu tivesse a oportunidade de estudar. Mãe, muito provavelmente, se não fosse sua renúncia, eu não chegaria até aqui. Obrigada por isso, saiba que eu reconheço sua força.

Ao meu grande companheiro de vida Gutierrez, por sua paciência e generosidade, ao longo deste processo que não foi nada fácil. Obrigada por me incentivar nos momentos em que eu desanimei, obrigada por não permitir que eu desistisse nos momentos de fraqueza. Obrigada pelo seu amor genuíno!

Agradeço ao meu filho Davi Lucas, por ser a grande motivação para a consumação deste sonho. Filho, me perdoe pelas muitas ausências em sua infância. Tenho a certeza que um dia você entenderá e verá que valeu a pena. Foi tudo por você!

Igualmente, não posso deixar de agradecer ao meu único cunhado. Suas palavras sempre firmes, muitas vezes, foram verdadeiras injeções de ânimo. Obrigada por seu empenho em ajudar-me a realizar este grande sonho. Sou muito grata a vocês, meus meninos.

À minha brilhante e amada orientadora: Maria del Mar. A professora Maria, sempre tão profissional, aceitou desde o primeiro encontro minha orientação, recebendo-me de braços abertos nesta proposta de trabalho. Obrigada pela compreensão, amor e carinho comigo durante a produção de meu último trabalho na graduação. Você tornou tudo mais leve. É uma honra trabalhar com você.

Aos meus maiores mestres: professora Anna H. More e professor José Luis Martinez: vocês despertaram em mim o amor pela literatura. Ao professor José Luis Martinez: seus ensinamentos foram essenciais para que me apaixonasse ainda mais pela literatura. Esse trabalho tem mais de vocês que de mim.

Aos meus amigos de jornada Aylla, Ronei e Sarana, pelo companheirismo em todos esses anos. Ao longo de nossa jornada, compartilhamos angústias e dificuldades e, agora, estamos compartilhando nossa alegria em terminar esse ciclo com a certeza de que seremos excelentes professores.

“[...] desde que me rayó la primera luz de la razón, fue tan vehemente y poderosa la inclinación a las letras, que ni ajenas reprensiones que he tenido muchas , ni propias reflejas que he hecho no pocas, han bastado a que deje de seguir este natural impulso que Dios puso en mí”.

Sor Juana Inés de la Cruz (1978, p. 444).

RESUMO

A condição feminina é historicamente vista pela sociedade a partir de um prisma que reflete a subjugação da mulher, interpretada pelo viés da inferioridade e submissão. A educação oferecida às mulheres era limitada aos trabalhos manuais e aos cuidados com o lar e filhos, com poucas oportunidades de acesso ao conhecimento e à cultura. Investigamos, neste trabalho, a articulação entre o feminino, a vida conventual e a literatura, a partir de quatro escritoras, três delas religiosas, cujas obras foram produzidas entre os séculos XVI e XIX. Essas escritoras optaram pela vida religiosa, agraciadas pelo silêncio e oportunidades de desenvolvimento de sua intelectualidade, não disponíveis para todas as mulheres de sua época. Em razão disto, objetivamos analisar as contribuições de autoras mexicanas e seu impacto em um momento de franco desenvolvimento da literatura e cultura no país. Nossas indagações versam sobre: qual era a condição de escritoras mexicanas entre os séculos XVI e XIX? Como essas escritoras buscaram ascensão em um período marcado pelo domínio masculino? Qual a função dos conventos na constituição dessas mulheres em sua escrita? Quais os principais temas debatidos pelas escritoras em suas obras? Que reflexos de uma sociedade patriarcal podem ser encontrados nas obras examinadas? Para responder às questões propostas, produzimos uma pesquisa de natureza qualitativa, com tipo exploratória e pautada na revisão bibliográfica. Examinamos as obras das autoras: Mariana de la Encarnación Herrera de Pedroza, Sor Juana Inés de La Cruz, Sor María de Jesús Felipa e Laura Méndez de Cuenca, que viveram nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, respectivamente. Evidenciamos que a vida conventual, além de um ofício de fé, era uma alternativa para muitas mulheres que buscavam a instrução e, ao mesmo tempo, não desejavam se casar. Além disso, encontramos marcas da subordinação feminina nos escritos dessas autoras, a partir da definição das categorias analíticas: obediência, humildade, submissão e violência, enfocando os dilemas vivenciados e as perspectivas da sociedade em que viveram.

Palavras-chave: Poesia mexicana. Literatura novo-hispânica. Escritoras mexicanas. Submissão e obediência.

ABSTRACT

The female condition is historically seen by society from a perspective that reflects the subjugation of women, interpreted through the lens of inferiority and submission. The education offered to women was limited to manual work and caring for the home and children, with few opportunities for access to knowledge and culture. In this work, we investigate the articulation between the feminine, conventual life and literature, based on four writers, three of them religious, whose works were produced between the 16th and 19th centuries. These writers chose religious life, blessed by silence and opportunities to develop their intellectuality, not available to all women of their time. Because of this, we aim to analyze the contributions of Mexican authors and their impact at a time of rapid development of literature and culture in the country. Our questions are about: what was the condition of Mexican women writers between the 16th and 19th centuries? How did these women writers seek advancement in a period marked by male dominance? What is the role of convents in the constitution of these women in their writing? What are the main themes debated by the writers in their works? What reflections of a patriarchal society can be found in the works examined? To answer the proposed questions, we produced qualitative research, exploratory in nature and based on a bibliographic review. We examine the works of the authors: Mariana de la Encarnación Herrera de Pedroza, Sor Juana Inés de La Cruz, Sor María de Jesús Felipa and Laura Méndez de Cuenca, who lived in the 16th, 17th, 18th and 19th centuries, respectively. We showed that conventual life, in addition to being a profession of faith, was an alternative for many women who sought education and, at the same time, did not wish to get married. Furthermore, we find marks of female subordination in the writings of these authors, based on the definition of the analytical categories: obedience, humility, submission and violence, focusing on the dilemmas experienced and the perspectives of the society in which they lived.

Keywords: Mexican poetry. Novo-Hispanic literature. Mexican women writers. Submission and obedience.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mariana de la Encarnación Herrera de Pedroza	16
Figura 2: Sor Juana Inés de la Cruz	18
Figura 3: Vestimentas utilizadas por monjas novohispanas	20
Figura 4: Laura María Luisa de Elena Méndez Lefort	22
Figura 5: Fundação do Convento Real	37
Figura 6: Folha de rosto e página 85 da <i>Carta athenagorica de la Madre Juana Ynes de la Cruz</i>	39
Figura 7: Trecho do caderno de Sor Felipa	42

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I: VOZES INVISIBILIZADAS DA LITERATURA MEXICANA	13
1.1 BREVES REFLEXÕES SOBRE A LITERATURA MEXICANA	13
1.2 VISIBILIZANDO VOZES INVISIBILIZADAS	15
1.2.1 Mariana de la Encarnación Herrera de Pedroza (século XVI)	15
1.2.2 Sor Juana Inés de la Cruz (século XVII)	17
1.2.3 Sor María de Jesús Felipa (século XVIII)	20
1.2.4 Laura Méndez de Cuenca (século XIX)	21
CAPÍTULO II: OBEDIÊNCIA, SUBMISSÃO, HUMILDADE E VIOLÊNCIA NA PRODUÇÃO LITERÁRIA MEXICANA DE AUTORIA FEMININA	25
2.1 OBEDIÊNCIA	25
2.2 HUMILDADE	26
2.3 SUBMISSÃO	27
2.4 VIOLÊNCIA	30
2.5 CONVENTOS: ESPAÇOS RESERVADOS À MULHER E VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NAS ENTRELINHAS DA ESCRITA FEMININA	30
CAPÍTULO III: O FEMININO NAS OBRAS DE RELIGIOSAS: PODER E SUBMISSÃO	35
3.1 MARIANA DE LA ENCARNACIÓN: FUNDACIÓN EN LA CIUDAD DE MÉXICO DEL CONVENTO DE SAN JOSÉ O SANTA TERESA LA ANTIGUA (SÉC. XVI)	36
3.2 SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ: CARTA ATENAGÓRICA RESPUESTA DE LA POETISA A LA MUY ILUSTRE SOR FILOTEA DE LA CRUZ E HOMBRES NECIOS QUE ACUSÁIS A LA MUJER (SÉC. XVII)	38
3.3 SOR MARÍA DE JESÚS FELIPA: DIARIO ESPIRITUAL O CUADERNO MANUSCRITO (SÉC. XVIII)	42
3.4 LAURA MÉNDEZ DE CUENCA: EL DECANTADO FEMINISMO (SÉC. XIX)	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49

INTRODUÇÃO

A condição feminina entre séculos XVI, XVII, XVIII e XIX foi marcada por uma série de desafios e limitações impostas pela sociedade patriarcal da época. As mulheres eram frequentemente consideradas inferiores aos homens e sua educação era limitada, com poucas oportunidades de acesso ao conhecimento e à cultura. Evidenciando este período histórico, Silva (2015) salienta que a maioria das mulheres era destinada a se casar e cuidar da casa e dos filhos, limitando ainda mais suas possibilidades de desenvolvimento pessoal e profissional. A violência doméstica era comum e muitas vezes tolerada pela sociedade, o que tornava difícil para as mulheres buscar ajuda ou proteção.

Na sociedade mexicana esses fatores não constituíram-se uma exceção. As mulheres na literatura mexicana dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX tiveram um papel fundamental na construção da identidade cultural e histórica do país. Embora muitas vezes eclipsadas pelos escritores masculinos da época, algumas escritoras mexicanas produziram obras importantes que refletiam suas experiências únicas e perspectivas sobre a sociedade em que viviam. Figurando como expoentes, descartam-se Mariana de la Encarnación Herrera de Pedroza, Sor Juana Inés de La Cruz, Sor María de Jesús Felipa e Laura Méndez de Cuenca.

O principal objetivo deste estudo é analisar as contribuições de autoras mexicanas e seu impacto em um momento de franco desenvolvimento da literatura e cultura no país. Como objetivos específicos dedicamo-nos a: i) investigar a sociedade mexicana entre os séculos XVI e XIX, salientando suas principais modificações; ii) conhecer a vida e a obra de autoras mexicanas que se estabeleceram entre os séculos XVI e XIX; e iii) indicar, a partir da adoção de categorias analíticas, as experiências e vivências dessas autoras no período estudado.

Indicamos os seguintes questionamentos para a produção desta pesquisa: qual era a condição de escritoras mexicanas entre os séculos XVI e XIX? Como essas escritoras buscaram ascensão em um período marcado pelo domínio masculino? Qual a função dos conventos na constituição dessas mulheres em sua escrita? Quais os principais temas debatidos pelas escritoras em suas obras? Que reflexos de uma sociedade patriarcal podem ser encontrados nas obras examinadas? Esses questionamentos favorecem uma análise mais aprofundada sobre as vivências dessas autoras e suas contribuições para a literatura e a cultura do país.

A presente pesquisa permite evidenciar o contexto histórico no qual essas escritoras alcançaram a instrução, passando a narrar suas vivências e experiências na vida eclesiástica. Por meio do estudo dos conventos, podemos entender como as mulheres tiveram acesso à

educação e como essa inserção nos conventos influenciou suas obras. Além disso, é fundamental examinar os temas abordados por essas autoras e como eles refletem a realidade da sociedade patriarcal da época. Com essa análise, podemos compreender melhor a importância dessas escritoras para a literatura e cultura mexicana, reconhecendo seu legado para as gerações futuras (Sánchez; López, 2020).

Realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa (Gil, 2010), com vistas à sondagem dos efeitos da literatura feminina na sociedade mexicana. Para tanto, realizamos a leitura de obras de Mariana de la Encarnación Herrera de Pedroza, Sor Juana Inés de La Cruz, Sor María de Jesús Felipa e Laura Méndez de Cuenca, trazendo as principais contribuições da bibliografia produzida por essas escritoras. Além disso, ressaltamos as contribuições de autores como Plancarte (1941), Martínez (1955), Lavrin e Asunción (2002), Lavrin (2008), Olivares, Ramírez e Delgado (2015), Chumacero (2018), dentre outros, buscando ratificar a importância dessas autoras para o desenvolvimento literário e cultural do país.

Nosso trabalho encontra-se organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, realizamos uma breve apresentação da vida e obra dessas autoras, indicando o contexto social e cultural em que elas viveram e dotando de visibilidade suas vozes, historicamente invisibilizadas. No segundo capítulo, debatemos as principais categorias identificadas nessas obras, refletindo sobre as narrativas das autoras a partir das temáticas recorrentes: obediências, humildade, submissão e violência, demarcando as dinâmicas de poder presentes nas relações interpessoais e nas instituições sociais. O terceiro capítulo enfoca, propriamente, as obras das religiosas, favorecendo nossa contextualização sobre a condição feminina no período estudado. O último capítulo desta monografia apresenta nossas considerações finais.

CAPÍTULO I: VOZES INVISIBILIZADAS DA LITERATURA MEXICANA

O presente capítulo destaca as contribuições das autoras analisadas nesta monografia. Inicialmente, realizamos um breve histórico sobre o desenvolvimento da literatura mexicana e a imposição masculina sobre os movimentos literários entre os séculos XVI, XVII, XVIII e XIX. Dentre as principais influências literárias da sociedade da época destacam-se a literatura indígena, no século XVI, a transposição para as escritas em Espanhol, a partir da colonização do México no século XVII, o desenvolvimento de gêneros diversos, marcados pela poesia, teatro e ensaios, no século XVIII e as reflexões literária sobre as mudanças políticas, sociais e econômicas que se desenrolaram a partir do século XIX.

Em um segundo momento, o capítulo apresenta as autoras trabalhadas neste estudo: Mariana de la Encarnación Herrera de Pedroza, Sor Juana Inés de La Cruz, Sor María de Jesús Felipa e Laura Méndez de Cuenca, que viveram nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX¹, marcando seus nomes na história da literatura, devido à sua firme postura em relação à sociedade vigente. Essas escritoras registraram suas vivências, bem como, elementos da vida conventual. Ao analisar esses aspectos, podemos compreender melhor as dinâmicas de poder presentes nas relações interpessoais e nas instituições sociais, tais como a família e o mercado de trabalho.

1.1 BREVES REFLEXÕES SOBRE A LITERATURA MEXICANA

“En donde no hay patria- escribe- no hay verdadera poesía; en donde unos cuantos mandan como tiranos orgullosos, y todos los demás tiemblan a la voz de su señor; como esclavos envilecidos; en donde no en fin, toda la libertad que es compatible con el orden, con la moralidad, los talentos mismos participan de la opresión y de la afrenta”.

(Rosa, 1844, p. 210-211).

Desde a segunda metade do século XVIII, com o estabelecimento dos alicerces intelectuais da independência hispano-americana, numerosos literários, eruditos, historiadores e homens da ciência haviam se preocupado com o futuro do conhecimento e a valorização da cultura mexicana, mas sem considerá-la diferente e separada da matriz espanhola. Assim que, em *The American Scholar*, 1837, Ralph Waldo Emerson (2016, p. 543), disse “hemos prestado demasiada atención a las cortesanas musas de Europa”, além disso, o autor defende

¹ Salientamos que essa ordem cronológica não se estabelece de uma forma rígida e linear. Assim, houve casos em que uma autora adentrou na mesma época em que outra já atuava, fenômenos comuns da vida humana, sobretudo, na literatura. Em título de exemplo, temos Mariana de la Encarnación, adentrando no século XVII, período em que também está inserida Sor Juana Inés de la Cruz.

que era já tempo dos americanos se ocuparem dos assuntos próprios da América, se referindo a independência literária mexicana.

Em meados do século XIX, um movimento chamado “antiespañolismo” espalhou-se na Hispanoamérica e até mesmo na Espanha, justificando-se a partir dos resultados das guerras de independência, causando o fortalecimento do processo de emancipação literária no México. Em seguida, outro movimento bem semelhante a este foi o denominado “desespañolización”, marcado pela independência dos hispano-americanos, com vistas ao progresso cultural. A respeito deste movimento, Ignacio Ramírez, um dos homens mais intelectuais da época, ressalta o sentimento emancipatório com a obra “*La desespañolización*”, 1865, com a polêmica frase: “¡Mueran los gachupines! fue el primer grito de mi patria; y en esta formula terrible se encuentra la desespañolización de México. ¿ Hay algún mexicano que no haya proferido en su vida esas palabras sacramentales?” (Ramírez *apud* Martínez, 1995, p. 22).

De acordo com Martinez (1955), o problema da emancipação literária não se estabeleceu no México, na primeira metade do século XIX, da mesma maneira como ocorreu nos países do sul do continente como a Argentina e Chile. No México, existia uma tradição mais antiga e profunda de consciência nacional, justificando-se pela importância do passado cultural indígena e pela solidariedade que sente o mexicano por esse passado e pela realidade presente do indígena, o que fez com que esse sentimento de nacionalidade, sobretudo de um grupo de humanistas, começasse a produzir uma literatura folclórica e popular, inspirando a expressão do diferencial mexicano, convertendo-se em orgulho e exaltação (Martinez, 1955). Nesse sentido, reverberam as palavras de Plancarte (1941, p. 11): “aquellos escritores hablan ya de los españoles como quien habla de los extranjeros” e “son, y quieren ser, mexicanos”.

Contudo, José María Vigil afirma no ensaio “*Algunas observaciones sobre la literatura nacional*”, lido no Liceo Hidalgo, em 6 de Maio de 1872 (Vigil, 1909 *apud* Martínez, p. 317), que o México do século XIX já possuía todas as características para ser dono de uma literatura própria e que, bem antes disso, nos séculos XIX, XII e XIII já haviam sido lançadas as bases para a literatura mexicana com Sor Juana Inés de la Cruz e Ruiz de Alarcón. Esse aspecto é apresentado a seguir:

[...] como la imaginación no puede crear de la nada, como necesita tener un punto de partida sobre que elevarse, y como este punto de partida no puede ser otro que no una historia propia, tradiciones gloriosas, aspiración de raza, y hasta infortunios, vicios y virtudes peculiares, se sigue necesariamente que en donde falta todo eso no puede existir una literatura propiamente nacional (Vigil, 1909, *apud*. Martinez, 1955, p. 318).

Liceo Hidalgo, caracteriza-se como a mais ilustre associação literária, funcionando no México durante a segunda metade do século XIX. O movimento manteve como objetivo fundamental a criação de uma literatura nacional e celebrou a cada ano, o aniversário da independência mexicana e a memória de Hidalgo, o libertador. Em seu período de maior atividade, entre 1874 e 1876, a associação literária organizou numerosas celebrações dedicadas a honrar a escritores mexicanos, como Fray Servando Teresa de Mier (1765-1827), Francisco Zarco (1829-1869), Sor Juana Inés de la Cruz (1648-1695), Andrés Quintana Roo (1787-1851), Juan Ruis de Alarcón (1581-1639) e Manuel Eduardo de Gorostiza (1789-1851). Nos encontros eram lidos discursos, estudos sobre a personalidade e a obra de cada um desses escritores, além disso, eram declamados os poemas alusivos.

É importante observar que entre os autores honrados no Liceo de Hidalgo, temos apenas um nome feminino, dentre tantos autores masculinos. Esse é um dos motivos pelos quais pretendemos visibilizar, a partir deste trabalho, o destaque dessas vozes que permaneceram invisibilizadas. É também neste momento histórico que surgiu a ilustríssima escritora Laura de Cuenca (1853-1928), escritora e poeta feminista, disposta a romper com o ideal de literatura masculina, destacando-se como objeto de estudo nesta pesquisa.

1.2 VISIBILIZANDO VOZES INVISIBILIZADAS

Em decorrência de uma histórica invisibilização da mulher em diferentes contextos sociais, inclusive na literatura, muitas autoras poderiam, com facilidade, ilustrar as reflexões presentes neste estudo. Destacamos as autoras: Mariana de la Encarnación Herrera de Pedroza, Sor Juana Inés de La Cruz, Sor María de Jesús Felipa e Laura Méndez de Cuenca. Essas mulheres escritoras mexicanas foram ignoradas e esquecidas pela história literária por muito tempo, apesar de suas contribuições significativas para a literatura. Suas histórias e escritas são notáveis, mas a sociedade patriarcal em que elas viveram não permitiu que suas vozes fossem ouvidas. É importante destacar a submissão que essas autoras tiveram que enfrentar durante suas vidas, já que isso influenciou diretamente sua escrita e sua posição no mundo literário. Ao estudar e analisar as obras dessas mulheres, podemos enriquecer o estudo da literatura mexicana e valorizar as contribuições das mulheres para a cultura e a sociedade.

1.2.1 Mariana de la Encarnación Herrera de Pedroza (século XVI)

[...] me mandaron por obediencia no leiese libro ninguno de romanse...

Mariana de la Encarnación de Pedroza (2015, p. 32).

Mariana de la Encarnación Herrera de Pedroza (1571-1657), filha de Alonso Herrera e Inés de Pedroza, foi a segunda cronista do convento de San José, no México. Antes de completar nove anos, ingressou como donzela pobre ao recém fundado Convento de Jesús María². Entendendo que a vida conventual era sua única experiência de vida, Mariana de la Encarnación decidiu-se professar como religiosa neste mesmo lugar, em 1587, aos dezesseis anos. No convento de Jesús Maria, conheceu a monja Inés de la Cruz, amiga e irmã de fé. Juntas sonharam e realizaram o desejo de fundar no México, o convento de *San José o Santa Teresa la Antigua*, pertencente à ordem das *Carmelitas Descalzas*.

Figura 1: Mariana de la Encarnación Herrera de Pedroza



Fonte: Zorita (2018).

Estudiosos que se ocupam das obras de escritoras mexicanas, como Lavrin (2008) e Anton (2019), afirmam que muitas das obras escritas pelas autoras que viveram nos séculos XVI, XVII e XVIII se perderam propositalmente ou foram queimadas por serem escritas

² O convento foi fundado para ‘crioulas’, conforme a redação da época, herdeiras dos conquistadores, na Cidade do México em 1575 pela ordem dos Carmelitas Descalços. Este convento foi construído no antigo bairro de San Juan de Letrán, que naquela época era um local muito tranquilo e afastado do centro da cidade. O espaço também recebia espanholas provenientes da Península Ibérica, constituindo, na verdade, um local onde se encontravam pessoas de diferentes partes do mundo. O convento tornou-se um dos mais importantes da ordem na América e foi um centro de espiritualidade e cultura durante séculos. Criado essencialmente para ‘criollas’, filhas de conquistadores, recebia também espanholas que chegavam da Península Ibérica. Na verdade, esse era um monastério em que vivia parte da sociedade com características de toda parte do mundo (Medina, 2008). Este foi também o convento onde Sor Mariana viveu antes da Fundação Carmen.

femininas. Esse fato aconteceu com Sor Mariana de la Encarnación que escreveu muitas obras. Entretanto, apenas temos conhecimento da crônica *Fundación en la Ciudad de México del Convento de San José o Santa Teresa la Antigua*.

Olivares, Ramírez e Delgado, (2015, p. 10) destacam esse fato: “Mariana de la Encarnación, como lo dice ella misma, escribió esta crónica en 1641, porque en aquel momento se encontraban perdidas las que habían escrito años antes la propia Mariana e Inés de la Cruz”. A narração nos permite acessar uma época específica da Nova España, por meio de informações fidedignas. A partir do olhar de uma jovem e firme monja, podemos entender um dos ofícios da mulher naqueles anos, quando a vida conventual era uma alternativa de ‘independência’ para elas. A crônica contém abundante informação sobre a vida conventual em Jesús María. Em igual medida, encontramos descrições de conflitos internos que provocaram o desejo de Sor Mariana e Inés de la Cruz pela fundação de um convento carmelitano, bem como, a persistência de ambas para encarar as adversidades de uma empresa monumental (Olivares; Ramírez; Delgado, 2015).

Carlos de Sigüenza y Góngora, autor da obra: *Parayso Occidental, plantado y cultivado por la liberal benefica mano de los muy Catholicos y poderosos Reyes de España Nuestros Señores en su magnifico Real Convento de Jesus Maria de México*, pretende dar visibilidade à vida e as obras das religiosas. Em seus manuscritos destacam-se Sor Mariana de la Encarnación e Inés de la Cruz, com a exaltação das crônicas da monja e engrandecimento da força de sua amiga.

1.2.2 Sor Juana Inés de la Cruz (século XVII)

*“Hombres necios que acusáis
A la mujer, sin razón,
Sin ver que sois la ocasión
De lo mismo que culpáis”.*

(Sor Juana Inés de la Cruz, Poema: Censura de los Hombres in.: Savoca (2023, p. 56).

Juana Inés de Asbaje y Ramírez de Santillana, mais conhecida como Sor Juana Inés de la Cruz (1648-1695), nasceu em San Miguel Nepantla, Cidade do México. Ela foi uma religiosa e escritora novo-hispana, expoente do Século de Ouro da literatura espanhola. Sor Juana, foi a caçula das três filhas María, Josefa e Juana Inés de Pedro Manuel de Asbaje y Vargas-Machuca e Isabel Ramírez de Santillana. Aos três anos, aprendeu a ler e a escrever. Logo, iniciou seu gosto pela leitura, pois descobriu a biblioteca de seu avô, apaixonando-se pelos livros.

Figura 2: Sor Juana Inés de la Cruz



Fonte: Davisart (2023).

Sor Juana aprendeu tudo o que era conhecido em sua época: leu os clássicos gregos e romanos, a teologia do momento e aprendeu latim em apenas vinte aulas ministradas por Martín de Olivas. Consta, que ao estudar uma lição, cortava um pedaço do seu próprio cabelo se não aprendesse corretamente, uma vez que acreditava que não era justo que a cabeça estivesse coberta de beleza se necessitava de ideias. Seu desejo pelo conhecimento era tanto, que tentou convencer sua mãe de que a enviasse para a universidade disfarçada de homem, visto que as mulheres não podiam acessá-la.

Em 1666, Sor Juana despertou a atenção do padre Antonio Nuñez de Miranda, seu confessor, que ao saber que a jovem não desejava se casar, lhe propôs entrar em uma ordem religiosa. Prontamente, a menina aceitou o convite e ingressou na ordem das Carmelitas, que possuía uma rigidez extrema, impossibilitando-a de seguir os estudos, motivo pelo qual deixou esse convento e, em seguida, ingressou no convento de San Jerónimo, que apresentava uma disciplina mais flexível e lhe permitia uma cela³ de dois andares e serventes (Paz, 1982). Ali, Sor Juana permaneceu o resto de sua vida, pois os estatutos de San Jerónimo lhe permitiam estudar, escrever, celebrar reuniões para conversar e receber visitas, como as de Leonor de Carreto, vice-governadora e melhor amiga.

³ Espaço onde morava individualmente cada monja.

Inspirada em Luis de Góngora, Sor Juana Inés de la Cruz foi a única figura feminina a ocupar uma posição de destaque no barroco espanhol, período da literatura difícil de definir, mas que Frank Warnke sugere a seguinte variação:

El término "barroco" es relativamente nuevo en la historia literaria, y no hay, como es bien sabido, apenas acuerdo sobre su propia denotación. Pienso que podría utilizarse más provechosamente como designación genérica del estilo de todo el periodo comprendido entre el Renacimiento y la era neoclásica; la mayoría de los lectores modernos están de acuerdo en encontrar una cualidad de época en la literatura de fines del siglo XVI y primeros dos tercios del XVII. y "barroco" sugiere esta cualidad mejor que siglo XVII o "Renacimiento tardío". Como designación de un periodo, el "barroco" se refiere no a un estilo precisamente definible, sino a un conjunto de estilos de tronco común. Uno de ellos es el Metafísico; otro es ese curioso fenómeno, tanto social como artístico, denominado preciosismo (Parker *apud* Warnke, 1983, p. 25).

No campo lírico, as obras de Sor Juana são inscritas nas diretrizes do barroco espanhol, em sua fase tardia, também conhecido como o segundo período da literatura novohispana. A Universidade Nacional Autónoma de México apresenta esse momento como o barroco literário, desenvolvido ao longo do século XVII. No período encontramos autores notáveis na poesia, lírica, narrativa e na dramaturgia. Os representantes mais importantes desta corrente, além de Sor Juana, foram: Juan Ruiz de Alarcón y Mendoza (1581-1639), Carlos de Sigüenza y Góngora (1645-1700) e Miguel de Guevarra (1585-1646).

A produção lírica de Sor Juana corresponde à metade de suas obras, unindo a cultura de uma Nova Espanha em apogeu, o culteranismo de Luis de Góngora e a obra conceitualista de Antônio de Quevedo e Pedro Calderón. Suas obras mais destacadas no gênero dramático são *Amor es más laberinto*, *Los empeños de una casa* e uma série de autos sacramentais concebidos para se representar na corte.

O grande estudioso da autora, Octavio Paz (1982) afirma que Sor Juana aparece atualmente como uma dramaturga importantíssima no ambiente hispano-americano do século XVII, inspirando autores do século XVIII, que veneravam suas obras. No século seguinte, sua popularidade diluiu-se. García Icazbalceta (1942), sobre a escritora, fala de uma "*absoluta depravación del lenguaje*" e Vigil (1893) de um "*enmarañado e insufrible gongorismo*". Por sua vez, no século XX, a partir do interesse que a *Generación del 27* suscitou por Góngora, literários da América e da Espanha, a exemplo, Amado Nervo e Octavio Paz, começaram a revalorização da poetisa. Devido à importância das suas obras, Sor Juana foi denominada pela crítica como "a Fênix da América", "a Décima Musa", e "a Décima Musa Mexicana" (Paz, 1982, p. 98-107).

1.2.3 Sor María de Jesús Felipa (século XVIII)

“Me ahogaba, [me] atemorizaba de sólo pensar que había de escribir el cuaderno”.

Sor María de Jesús Felipa (1758).

Pouco se sabe sobre dados biográficos a respeito de Sor María de Jesús Felipa, inclusive, não há fotos ou imagens desta considerável escritora e religiosa do século XVIII. Mas, sabe-se que ela professou no convento de San Juan de la Penitencia, espaço para professoras espanholas, fundado em 1598, com monjas do convento de Santa Clara, em um bairro indígena do México.

Figura 3: Vestimentas utilizadas por monjas novohispanas



Fonte: Lugares INAH (2023).

Apesar de não haver muitos dados sobre Felipa, a não ser uma obra escrita por ela própria, constituindo-se como um dos objetos de análise deste trabalho. Acredita-se que a autora tenha publicado outras obras, mas tristemente, só temos conhecimento desse diário. “Es muy probable que éste no haya sido el único cuaderno o diario escrito por la monja, ya que en el fol. 94v (mes de junio) se refiere a otro cuaderno” (Lavrin; Asunción, 2002, p. 111).

Este escrito, é um diário espiritual dividido em volumes, cada volume corresponde ao relato de um ano de sua vida no convento. A obra apresenta-se como um documento sem margens e sem pontuação, no qual Felipa apresenta seus estados de ânimo, sua constante vai e vem, entre a graça, o sossego, a paz, o tormento e as tentações que rodeiam a vida diária

conventual. O diário estabelece contato com seu confessor, cujo nome se desconhece. Assim, ele possui um caráter confessional, uma vez que foi escrito a mando de seu confessor. “Sor María de Jesús Felipa, monja profesa del convento de San Juan de la Penitencia, escribió un cuaderno mensual a su confesor en el cual retrató tanto su vida espiritual como algunos incidentes de la vida diaria del convento” (Lavrin; Asunción, 2002, p. 111).

A partir de suas análises, Lavrin (2002) encontram traços típicos da ironia na escrita de Sor Felipa. Isso possibilita compará-la com Sor Juana Inés de la Cruz. Entretanto, esses autores diferenciam ambas, em um ponto bem importante: a certeza de saber o que está escrevendo. Sor Felipa sentia-se insegura ao escrever, por sua vez, Sor Juana apresentava firmeza em cada uma de suas palavras. Outrossim, Lavrin (2002) exalta a obra de Sor María de Jesús Felipa, por ser um processo de escrita no qual, constantemente, pode-se observar o grau de inteligência da autora. Podemos observar isso em:

Una peculiaridad de la escritura de Sor María de Jesús Felipa **es la de introducir en su narrativa la imitación del diálogo, al que recurre para dar más vivacidad a la memoria de ciertos incidentes conceptuales**. Aunque de modo desaliñado, por la carencia de una habilidad literaria idónea para transponer la palabra viva al papel, la monja inserta las expresiones y las situaciones que recuerda, inyectando vida y movimiento al texto. Ciertos modismos mexicanos nos dan una visión breve pero jocosa del hablar popular. En un momento dado, durante la elección de la abadesa, le responde a alguien que desea inclinarla a expresarse sobre la misma: «No me estés moliendo, Angelito...» (fol. 126v), y «no nos muelas con ideas...» (fol. 113v). En otro momento se autodescribe como una «escuinclilla» espiritual, recurriendo a otra forma popular de origen nahua para describir a los niños (escuincle) (fol. 71). Estas breves visiones de la oralidad dentro del convento son, lamentablemente, muy escasas (Lavrin; Asunción, 2002, p. 113).

Sor Felipa escreve sempre receosa, em decorrência dos castigos que poderiam recair sobre ela ou a censura, que viria por parte de seu confessor.

1.2.4 Laura Méndez de Cuenca (século XIX)

“Verdad es que pocos hombres son tan audaces como la mujer para arrojar en brazos de lo desconocido, cuando quieren llevar a empeño una cosa”.

Laura Méndez de Cuenca (2017[1907]).

Laura María Luisa de Elena Méndez Lefort (1853-1928), foi uma mulher moderna e singular em mais de um sentido. Professora, escritora, jornalista, editora, tradutora, defensora dos direitos das mulheres e dos indígenas, Laura esteve entre as mais reconhecidas pelo cânone literário do século XIX. Além disso, Laura foi uma das poucas mulheres com obras

publicadas na Argentina, Espanha, Estados Unidos e Nova Zelândia. Em 1877, casou-se com Augustin F. de Cuenca, razão pela qual passou a assinar seus textos como Laura Méndez de Cuenca.

Figura 4: Laura María Luisa de Elena Méndez Lefort



Fonte: Mexiquense (2023).

Apesar de todo seu reconhecimento, Cuenca teve alguns de seus trabalhos literários como objeto de uma certa censura. Com base em um preceito, segundo o qual as mulheres não deviam ultrapassar os limites do espaço doméstico para escrever e, menos ainda, para publicar. Laura foi contra tal norma, e escreveu *La Mujer Mexicana*, uma obra totalmente feminista, que lhe rendeu muitas críticas, mas a censura não a impediu de continuar escrevendo sobre o espaço da mulher na sociedade mexicana. Laura publicou a segunda edição do seu manual de economia doméstica, o qual intitulou de *El Hogar Mexicano* (Chumacero, 2018).

A forma de censura mencionada acima, foi um dos componentes da crítica literária mexicana dos últimos vinte cinco anos do século XIX, faz-se importante situar Laura neste contexto. Podemos comprovar esse fato com os escritos de críticos deste mesmo século e do século posterior: José María Vigil e José Luis Martínez, respectivamente. O crítico e historiador Vigil (1893), aplaudia a educação positivista que facultava, cada vez, a mais mulheres cultivarem o conhecimento, desde que “sin olvidar los fines morales a que están llamadas por su sexo y por su educación” (Vigil, 1893, p. 18). A modernidade deveria conduzir o país ao progresso, mas sem atemorizar o sentido moral ou ético das pessoas, desta forma, a mulher mais culta poderia dizer o que pensava, desde que o fizesse com prudência, “sin que transpire odio o venganza” (Vigil, 1983, p. 18). Por sua vez, essa noção ratifica a

ideologia de Vigil (1893). já no século XX, quando divide a escrita em literatura de homens, sem mais, e a de seus pares femininos, como literatura de “mulheres”, a qual deveria seguir um certo rito, próprio da escrita feminina. Em sua opinião, devia ser uma escrita ‘decorosa’.

Dado o exposto, podemos afirmar que Laura, com toda sua valentia, rompeu com as barreiras da crítica literária de sua época e foi aclamada por diversos intelectuais, tais como Amado Nervo, Emilia Serrano e Adalberto A. Esteva. Este último, ousou compará-la com a Décima Musa “*Ella y Sor Juana Inés de la Cruz, son las mejores poetisas del país*” (Esteva, 1900, p. 128). Ao elevá-la ao nível da ilustríssima Sor Juana Inés de la Cruz, a maior e a monstruosa por excelência, críticos liberais, laicos e nacionalistas como Ignacio Manuel Altamirano, passaram a admirá-la por sua capacidade, mas com cautela.

Laura, também foi altamente venerada por um jornal de grande prestígio. “*En el grupo, bien pequeño por cierto y por desgracia del feminismo letrado, destacanse marcadamente los perfiles enérgicos, bien acabados, de Laura Méndez de Cuenca*” (Chumacero, 2018, p. 43). A autora seguiu arrastando admiradores que a consideravam excepcional, dona de uma escrita diferente, cujas características pertenciam ao universo masculino: vigor, valentia e energia. Os adjetivos que qualificam Laura, acompanharam-na até o dia 1º de novembro de 1928, pela tarde, quando a diabete, sua companheira durante anos de sua vida, levou à morte aquela que foi a maior do século XIX.

As biografias das autoras, abordadas neste trabalho, representam uma tentativa de aproximar o leitor às vidas de cada uma delas. Decidimos intencionalmente abordar as três primeiras autoras, séculos XVI, XVII e XVIII, respectivamente, pelo fato de serem mulheres escritoras dentro do contexto religioso, muitas vezes silenciadas, ora por seus superiores, ora pela sociedade. Algumas delas possuíam vocação religiosa, como foi o caso de Sor María de Jesús Felipa (Séc. XVIII), encontrando na escrita um meio de aproximar-se de Deus. Foi também por meio da escrita que Sor Felipa teve experiências surreais com Cristo, além disso, a publicação de suas obras proporcionou uma oportunidade para denunciar e desabafar os horrores que presenciou no convento. Outras, como Sor Juana Inés de la Cruz (Séc. XVII), escolheu a vida religiosa para abster-se do matrimônio e poder seguir e com seu propósito de vida: a independência intelectual.

Diferentemente de Sor Felipa e Sor Juana, Sor Mariana de la Encarnación (Séc. XVI), decidiu pela vida religiosa porque não enxergava outra saída para sua vida, a não ser professar. Ali, aprendeu a orar, buscar a Deus e dedicar-se ao cotidiano religioso, até que se encontrou na vida religiosa. Entretanto, Sor Mariana, não aceitava viver sob a tácita submissão daquele lugar. Por isso, empenhou-se, com sua irmã de fé, para empreender a

primeira ordem das *Carmelitas Pies Descalzos* no México, motivo pelo qual decidiu registrar as dificuldades, angústias, dores, sofrimentos e alguns poucos momentos felizes.

O processo de escrita, pelas autoras religiosas, era utilizado com frequência como uma importante ferramenta nos conventos. Em geral, no âmbito intelectual e religioso, as habilidades de escrita e leitura foram utilizadas para melhorar e enriquecer a fé de cada uma delas, sendo também imprescindível para a aprendizagem da disciplina interna e dos ritos. Sobre a literatura nos espaços religiosos, Glantz (1992, p. 124), afirma:

Entre las labores de mano está, sin lugar a dudas asociada con ellas, la escritura. A diferencia del bordado, el deshilado, el labrado o las labores de mano propiamente femeninas, catalogadas como actividades lícitas y normales, la producción de la escritura femenina es ambigua y sufre los vaivenes que le imprime el “dictamen” de los confesores: es una escritura sospechosa y vigilada, por lo que puede volverse intermitente o desaparecer por completo.

Finalizamos as biografias com a de Laura Méndez de Cuenca (Séc. XIX). Sua participação como figura feminina no mundo literário teve muita importância no campo das letras. Isso deve-se ao fato de a autora questionar incisiva e criticamente a posição da mulher na sociedade. Méndez de Cuenca lutou pelo direito à educação das meninas, pela igualdade financeira entre homens e mulheres, e pelo direito de ter suas obras publicadas sem censura. Por essa razão, tornou-se, para muitos críticos, uma continuidade da herança de Sor Juana Inés de la Cruz.

O próximo capítulo debate os principais elementos presentes nas obras das escritoras examinadas nesta monografia.

CAPÍTULO II: OBEDIÊNCIA, SUBMISSÃO, HUMILDADE E VIOLÊNCIA NA PRODUÇÃO LITERÁRIA MEXICANA DE AUTORIA FEMININA

“Bien sabe Dios que lo más penoso de este camino interior es lidiar con los hombres aunque sean santo[s]”.

Sor María de Jesús Felipa (1758, p, 122).

Durante os séculos XVI ao XIX, a sociedade mexicana foi caracterizada por certos valores e comportamentos que eram amplamente aceitos e praticados. Entre essas noções estavam a ‘obediência’, a ‘humildade’, a ‘submissão’ e a ‘violência’, categorias analíticas destacadas na leitura das autoras examinadas nesta monografia e apresentadas no presente capítulo. Essas características eram muitas vezes incentivadas pelas instituições religiosas e políticas, que tinham grande influência sobre a sociedade da época, impactando, ainda hoje, mesmo que em menor escala, a forma como as relações sociais se organizam.

A obediência era vista como uma virtude importante na sociedade mexicana, especialmente quando se tratava de autoridades religiosas e políticas. As pessoas eram ensinadas a seguir ordens e a respeitar a hierarquia social, independentemente de suas próprias opiniões ou desejos. A humildade também era valorizada, e as pessoas eram incentivadas a serem modestas e a não se vangloriar de suas conquistas.

No entanto, nem todos os aspectos da sociedade mexicana eram positivos. A violência também era uma realidade presente, especialmente em conflitos entre diferentes grupos sociais. Esses conflitos muitas vezes envolviam disputas de poder e recursos, e podiam ser violentos e sangrentos. Essas noções demarcam como os valores e comportamentos podem moldar uma cultura e influenciar a vida dos indivíduos, sobretudo do sexo feminino.

Lembramos que ainda hoje vivenciamos uma sociedade patriarcal que desde tempos imemoriais impõe às mulheres a ideia de que elas devem ser submissas e obedientes aos homens. Essa mentalidade é fruto de uma cultura machista que desvaloriza a voz feminina e a sua capacidade de tomar decisões e liderar. A partir do destaque das categorias presentes nas obras das autoras examinadas, reforçamos sua influência para a literatura da época, destacando o impacto destas na inserção feminina no cenário social. Passamos a analisar essas noções nas obras das autoras, iniciando pela obediência.

2.1 OBEDIÊNCIA

O conceito presente nas obras supracitadas é a “obediência”. Segundo o Diccionario de Autoridades (1726-1739) da Real Academia Española, a obediência aparece registrada como: “Sujección y subordinación a la voluntad del Superior, ejecutando sus preceptos. Se

toma tambien por el precepto del Superior, especialmente en las Religiones”. No Dicionario Señas, o substantivo aparece definido como o “[...] cumplimiento de la voluntad del que manda o de lo que ordena la ley”. O mesmo termo aparece no Dicionário Português como: “1. Ação ou resultado de obedecer 2. Submissão à vontade de quem manda 3. Condição ou característica de obediente”.

Além dos significados deste termo em seu sentido denotativo, ressaltamos um outro significado que muito nos importa para a compreensão, de uma maneira mais evidente, o contexto em que se encontrava Mariana de la Encarnación, Sor Juana Inés de la Cruz e Sor María de Jesús Felipa. Primeiramente, salientamos que a obediência era parte de um dos quatro votos da vida conventual. Tinha-se a obediência como a renúncia à sua própria vontade, para sujeitar-se a de seus superiores religiosos. A desobediência, por sua vez, se convertia em pecado mortal, quando não era cumprida em sua totalidade. Para Lavrin (1995, p. 157), “La religiosa era súbita obligada a hacer pronta y alegremente lo que le mandaren, juzgándolo por mejor que su propia opinión. Al confesor se le debía obedecer al pie de la letra”.

Contudo, Lavrin (2008), afirma que a obediência tinha seus limites, uma vez que não negava a soberania do ser humano. A autoridade exercida sobre todo indivíduo em plena faculdade de seu livre arbítrio. Esses limites sobressaltam a obediência desde que fosse para preservar a integridade espiritual das religiosas. Caso um superior ou confessor seu ordenasse que uma de suas súditas fizesse algo contrário a regra, ou pudesse colocar em risco sua saúde, sua vida ou a salvação de sua alma, a religiosa poderia desobedecer. Entretanto, a decisão pela desobediência a um superior era algo tão arriscado, que impunha sobre a monja uma enorme confiança em si mesma para argumentar e se defender das possíveis repreensões e castigos, provenientes de sua negativa, levando a pouquíssimos casos de desobediência.

De acordo com Nuñez (1708), tais repreensões provenientes de desobediência resultavam em prisões, conhecidas pelo isolamento das “desobedientes” de suas companheiras de fé. Esse isolamento chegava a durar anos, como é o caso de Sor Juana María de San Esteban⁴, que negou-se a obedecer e cumprir suas obrigações diárias, impostas pelo arzbispo.

2.2 HUMILDADE

⁴ Convento de Santa Tereza la Antigua, México, 1728.

Nesse viés, faz-se relevante detalhar o segundo conceito: “humildade”. No contexto religioso, a humildade, segundo o Dicionário de Autoridades (1726-1739), essa noção diz respeito a:

s. f. Generalmente tomada es una virtud que nos aparta de la soberbia, y nos inclina a la sumisión y al abatimiento delante de los superiores, y de aquellas personas que respetamos; pero entre los Christianos se entiende, de una virtud interior que nos hace conocer somos nada delante de Dios. Latín. Humilitas. RODRIG. Exerc. tom. 2. trat. 3. cap. 2. La Humildad es fundamento de la santidad, y de todas las virtudes.

Além disso, a humildade está completamente relacionada à obediência, sobre isso, José Martínez de la Parra (Parra, 1982, p. 215), disse a respeito de uma religiosa que "vale decir es humilde, luego es obediente; es obediente, luego es humilde". No entanto, é importante destacar que a verdadeira humildade não está na submissão, mas sim no reconhecimento da igualdade entre homens e mulheres e na valorização da diversidade de experiências e perspectivas que cada gênero pode oferecer. O silêncio imposto às mulheres por tanto tempo não deve ser confundido com a falta de voz ou de opinião, mas sim como uma luta constante para fazerem-se ouvir em um mundo que ainda não lhes dá o espaço e o respeito que merecem.

2.3 SUBMISSÃO

O terceiro conceito relevante é: “submissão”, uma vez que esse termo também está diretamente relacionado com a humildade e a obediência, levando-nos a uma dimensão mais concreta, ao que diz respeito à escritura das autoras, inclusive Laura de Cuenca. Dentro do triângulo escritura, obediência e submissão, a escritura, por sua vez, deveria possuir um caráter santo, sagrado, e qualquer outra forma que fugisse dos padrões caracterizava-se como desobediência, o que nos leva ao entendimento das várias formas de submissão, como por exemplo a obrigatoriedade de escrever, tendo em vista determinada finalidade, seguindo um dado padrão que não ofendesse aos princípios da sociedade, a pedido ou a mando de um homem, consistindo assim, em submissão.

Um dos trechos que demarca a submissão encontra-se na Carta de Sor Juana: “No pretendo, según este dictamen, que V. md. mude el genio renunciando los libros, sino que le mejore, leyendo alguna vez el de Jesus Cristo” (Cruz, 1690, p. 1). É perceptível essa submissão na autoria feminina, de forma que a encontramos repetidamente nas obras de Mariana de la Encarnación, Sor Juana Inés de la Cruz e Sor María de Jesús Felipa. A ideia de que as mulheres deveriam ser submissas e obedientes aos homens era amplamente difundida e

aceita pela sociedade da época. Isso se refletia no modo como as mulheres eram educadas e nas expectativas que eram colocadas sobre elas.

O dicionário da Real Academia Espanhola (RAE) define submissão como: “3.f. Acatamiento, subordinación manifiesta con palabras o acciones”. Em *Las trampas de la fe*, Paz (1982, p. 586) faz menção a Aguiar e Seijas que disseram “El súbdito es instrumento del superior y el instrumento no tiene más valor que su sumisión [...] El súbdito ha de ser a gusto y menester del superior”. O entendimento de ambos a respeito da submissão fortalece ainda mais o sentido da palavra em si. Por conseguinte, ratifica a posição totalmente submissa dessas autoras, frente aos seus superiores, no caso de Laura de Cuenca, a submissão não está frente a um superior, mas sim, frente a sociedade decimonónica que exigia das mulheres um silêncio que se propagou pelos séculos XVI, XVII e XVIII.

Entretanto, o ideal de submissão feminina não surgiu instantaneamente. Essa noção relaciona-se diretamente à tradição patriarcal e misógina, que iniciou-se muito antes do século XVI. Na sociedade barroca, a imagem da mulher se encontrava pautada por fundamentos extraídos das *Sagradas Escrituras* e dos mais importantes tratados doutrinários dos séculos XV e XVI. A Bíblia Sagrada diz no livro de Efésios (5:22): “As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, porque o marido é a cabeça da mulher”. A submissão também aparece em Coríntios (9:10): “Portanto, deve a mulher trazer sob sua cabeça o símbolo da sujeição”. Essas concepções de submissão feminina concretizaram-se na metade do século XVI e serviram de base para fundamentar a inferioridade da mulher em todos os aspectos: morais e intelectuais. Por sua vez, esse é um dos aspectos mais afetados e o que mais levantou questionamentos, devido ao ideal de submissão feminina, que se tinha à época, como podemos observar no que disse La Torre (1863, p. 385):

Ca comúnmente ellas no tienen sino algunos bienes corporales, así como la hermosura et semejantes cosas; así como no alcanzan los bienes del entendimiento, participánlos imperfectamente [...]. Es loable en ellas la vergüenza, et sagaz fue la naturaleza en dargela, ca por ella son quitas de muchas cosas torpes, et hacen muchas cosas dignas de alabanza [...] y es la causa porque el su freno no es la razón, sino la vergüenza. (La Torre? Latorre?,)

Demarcado pela submissão e menosprezo pelo sexo feminino, o Concilio de Trento (1545-1563), conselho da Igreja, composto pelos maiores religiosos da época, com o objetivo de definir as novas normas litúrgicas, doutrinárias e éticas da religião, recomendou às mulheres o *silencio e a santa ignorância*. Igualmente, o religioso León (1950, p. 25-26, negrito nosso) escreveu:

Porque como la mujer sea de su natural flaca y deleznable más que ningún otro animal [...], el mostrarse una mujer la que debe entre tantas ocasiones y dificultades de vida, siendo de suyo tan flaca, es clara señal de un caudal de rarísima y casi heroica virtud [...]. **Porque cosa de tan poco ser como es esto que llamamos mujer, nunca ni emprende ni alcanza fuerza de increíble virtud**, que, o el cielo ha puesto en su alma, o algún don de Dios singular.

Podemos contextualizar o que ocorria dentro dos conventos mexicanos, locais onde as monjas deviam total submissão aos seus superiores. Em caso de resistência à imposição masculina, elas desenvolviam uma espécie de desobediência, o que gerava fortes tensões entre os homens superiores e as mulheres submissas. Lavrin (2008, p. 577) fala da confrontação e o intercâmbio epistolar entre Sor María Guadalupe del Espíritu, sor Catalina del Santísimo Rosario, sor María de Santa Teresa, todas monjas do convento dominico de Santa Catalina no México, e o frei José George de Alfaro y Acevedo. Em novembro de 1774, Sor María Guadalupe e Sor Catalina estavam dispostas a “abandonar” a vida conventual. Sor María Guadalupe afirmava que ao passo de um mês não era capaz de segui-la, caso não mudasse sua conduta física e espiritual.

As duas reclamam da comida que era incomível e se queixavam de sua saúde física e espiritual. Tendo em vista tornar o protesto ainda mais significativo, elas deixaram de participar do corpo e do sangue de Cristo, renunciando à hóstia sagrada. Em forma de reconhecimento por sua desobediência e não submissão, Sor María Guadalupe disse ao seu superior que se reconhecia como o Judas⁵ de sua comunidade, algo que não parecia incomodá-la, já que detinha a coragem que muitas daquelas mulheres extremamente submissas não se atreviam a ter. Era necessário desenvolver táticas de desobediência e uma linguagem respeitosa, além de terem de adotar práticas de estudos, conhecimento sobre o direito dos súditos reais e a misericórdia de Deus. Deste modo elas saiam do papel de submissas sem se tornarem desrespeitosas. Outrossim, era mais cômodo manter-se na posição de submissa, pois assumir a figura de mulher valente requer um esforço que nem todas estavam dispostas, como foi o caso de Sor María de Jesús Felipa, que escrevia seus diários espirituais atemorizada, sob a tácita imposição de seu confessor.

Nesse conflito de gênero, no qual a submissão feminina era o centro de tudo, os superiores retratavam as monjas que eram corajosas como embusteiras traidoras que procuravam a discórdia, ao contrário de aceitarem a submissão às ordens de seus superiores. Esses superiores tentavam manchar a reputação delas, delineando-as como mulheres pouco

⁵ Conhecido por ser o traidor de Jesus Cristo, de acordo com a Bíblia Sagrada (João 12:4-6).

confiáveis. Citamos Bucareli (*apud* Henríquez Ureña, 1949, p. 34): “Las monjas simplemente entraban en la categoría de mujeres y, por lo mismo, estaban condenadas por su sexo a ser refrenadas y controladas por el sexo masculino”, que demarca a posição das mulheres vinculadas à Igreja no período.

2.4 VIOLÊNCIA

Segundo o dicionário Caldas Aulete, o substantivo “violência” aparece como: “2. Empleo abusivo, ilegítimo, da força ou da coação com o fim de se obter algo, 6. Ação de constringer física ou moralmente uma pessoa para submetê-la aos desejos de outra”. O termo nos remete à escrita de Sor María de Jesús Felipa, que escrevia sob forte pressão psicológica de seu confessor. A respeito disso, Asunción Lavrin (2002, p. 114) afirma que “El confesor es la otra fuente de autorización. Él ordena y escudriña porque la iglesia le ha otorgado estar en lugar de Dios con respecto a sus hijas espirituales. Así, Sor María de Jesús Felipa se enfrenta a una realidad compleja”.

Em sua obra *Diarios Espirituales*, Sor María de Jesús Felipa narra diversas situações em seu cotidiano. Nos salta aos olhos sua relação com o confessor. Nas poucas linhas em que descreve essa relação, percebemos a violência que ele emprega sob a escritora. Tal narração, que requer esforço para entendimento, nos permite sentir o medo que ela possuía do superior, bem como o fato de ele ter rasurado seu nome em todas as páginas da carta. O fato é, portanto, para nós leitores a prova do motivo da imposição sobre o sexo feminino, sobretudo dentro das carreiras religiosas.

2.5 CONVENTOS: ESPAÇOS RESERVADOS À MULHER E VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA NAS ENTRELINHAS DA ESCRITA FEMININA

Após breve percurso biográfico, com foco nas autoras em análise, bem como, nos conceitos considerados relevantes, para melhor entendimento do tema, abordamos neste capítulo, a questão da violência, sobretudo, a violência psicológica sofrida por essas autoras mexicanas. Para isso, optamos por ignorar a ordem cronológica priorizada no capítulo anterior, para melhor fluidez no entendimento. Faz-se necessário esclarecer quais são as obras abordadas: Sor Mariana de la Encarnación (Séc. XVI), com sua crônica *Fundación en la Ciudad de México del Convento de San José o Santa Teresa la Antigua*, Sor Juana Inés de la Cruz (Séc. XVII), com a obra *Respuesta a Sor Filotea de la Cruz* e o poema *Censura de los Hombres*, Sor María de Jesús Felipa (Séc. XVIII), com a obra *diario espiritual*, e por fim,

Laura Méndez de Cuenca (Séc. XIX), com a obra *Educación, feminismo y crónicas de viaje, El hogar femenino, Nociones de economía doméstica*.

Recordamos que a partir do século XVI percebemos a mulher como figura excluída da sociedade. A história das mulheres revelou a imposição masculina a uma submissão feminina que determinou os espaços exclusivos para as mulheres: a casa, o casamento e a ignorância. A mulher foi uma figura submetida ao domínio patriarcal, as meninas eram educadas para as tarefas domésticas preparando-as para o matrimônio, pois a norma imposta às mulheres novo-hispanas foi a renúncia e a conformidade, segundo a vontade divina. É importante salientar que o “descobrimento” e a conquista da América foram indispensáveis para o apogeu do humanismo europeu, movimento de ideias que renovou o panorama da cultura europeia dos séculos XV e XVI (Antón; Robledo, 2019).

Os humanistas do Renascimento buscavam, por meio do ensino da gramática, filosofia, história, retórica, poesia e afins, o cultivo do conhecimento do homem, por meio do qual ressaltavam sua dignidade e seu valor, bem como, sua capacidade racional para praticar o bem e encontrar a verdade. Entendida como um processo de formação e humanização, a instrução era considerada por alguns humanistas como imprescindível a todos. Porém, ela devia adequar-se a posição social e ao sexo. Neste contexto, a formação cultural das mulheres começou a preocupar filósofos e pedagogos. Vives (1948, p. 19), afirmava que a educação feminina tinha como finalidade superar os defeitos e a malícia natural das mulheres: “no hay mujer buena si le falta crianza y doctrina”. E, assim, não convinha às mulheres o conhecimento e nem o discurso, mas sim o silêncio e a virtude:

El tiempo que ha de estudiar la mujer yo no lo determino más en ella que en el hombre, sino que en el varón quiero que haya conocimiento de más cosas y más diversas, así para su provecho de él como para bien y utilidad de la república para enseñar a los otros. Pero la mujer debe estar puesta en aquella parte de la doctrina que la enseñan virtuosamente vivir, y poner orden en sus costumbres y crianza y bondad de su vida, y quiero que aprenda por saber, no por mostrar a los otros que sabe, porque es bien que calle, y entonces su virtud hablará por ella (Vives, 1948, p. 26).

Essas crenças em torno da inferioridade das mulheres, e sua necessária submissão ao homem, mancharam a história da humanidade com a cumplicidade de axiomas científicos, dogmas religiosos, leis, provérbios populares, escritos filosóficos e literários. Os primeiros educadores novo-hispanos, influenciados pelas correntes de pensamentos europeu, não estavam isentos dessas ideias e, com elas, marcharam para o Novo Mundo, declarando que a educação para mulheres baseava-se em isolá-las da sociedade, como se vê na seguinte citação:

Los padres que quisieran gozar de hijos sabios y que tengan habilidad para letras, han de procurar que nazcan varones, porque las hembras, por razón de la frialdad y humanidad de su sexo, no pueden alcanzar ingenio profundo. Sólo vemos que hablan con alguna apariencia de habilidad en materias livianas y fáciles, con términos comunes y muy estudiados; pero metidas en letras, no pueden aprender más que un poco latín, y esto por ser obra de la memoria (San Juan, 1988, p. 331).

Porquanto, é provável que a partir dessas ideias tenham surgido os conventos, universos marcados pelo silêncio e segredo. Esses espaços criaram sua própria cultura e literatura, visando moldar as condutas das mulheres que os compunham: abadessas, confesores, bispos, membros das hierarquias eclesíásticas e autoridades políticas que atuaram de muitas maneiras nesses lugares de retiro, que apesar do seu aparente isolamento, estiveram no centro dos séculos XVI ao XVIII. As cartas, as vidas das monjas e beatas e os relatos em primeira pessoa escritos por elas mesmas, mostram não apenas a vida cotidiana e a busca por Deus, mas também resultam da interação entre elas, os conventos e as instâncias de poder, o testemunho de suas lutas para ganharem ‘lugar’ na sociedade e independência intelectual.

Podemos considerar os conventos como uma exceção, em relação à histórica exclusão feminina à educação, uma vez que, neles a instrução feminina alcançou seus mais importantes avanços durante a colônia. Segundo Lavrin (1981, p. 297), os conventos:

[...] fueron instituciones donde las mujeres tuvieron su propio círculo, su propio gobierno y su propia práctica en el ejercicio administrativo. Estaban, desde luego, supeditadas a una jerarquía masculina fuera del claustro, pero precisamente por ser parte de la iglesia, que les prestaba su estructura básica de apoyo, pudieron sobrepasar los límites que afectaban a la mayoría de las mujeres, logrando un notable grado de autoindependencia como grupo.

Ainda sobre os conventos como recintos de formação intelectual para as mulheres, explica Sor Juana Inés de la Cruz:

Entréme religiosa, porque aunque conocía que tenía el estado de las cosas (...) muchas repugnantes a mi genio, con todo, para la total negación que tenía al matrimonio, era lo menos desproporcionado y lo más decente que podía elegir (...). [Mis deseos] eran los de querer vivir sola; de no querer tener ocupación obligatoria que embarazase la libertad de mi estudio, ni rumor de comunidad que impidiese el sosegado silencio de mis libros (Cruz, 1978, p. 16).

Contudo, evitamos nos precipitar em um possível otimismo a esse respeito. É importante ter em mente que a educação transmitida nesses espaços estava enquadrada ao sentido da virtude cristã e da vida cotidiana, pendurada nos pregos da mudez e da imobilidade. A vida conventual dá origem a uma prática autoral, denominada como uma

escrita conventual, mas que engloba discursos muito diferentes entre si, essa distinção é chamada de *escrita espiritual*. A primeira, definimos como a escrita do cotidiano de uma mulher enclausurada. Ela teria sua origem em uma prática cultural da Colônia que tem relação com a vida religiosa e com o interior do espaço em que viviam. A exemplo, citamos Sor María de Jesús Felipa, que escreveu páginas e mais páginas, e as denominou *Diario Espiritual*. Essa obra nada mais era que cartas direcionadas ao seu confessor, cujo nome se desconhece. Levantamos a hipótese que tenha sido ele próprio a tachar seu nome propositalmente na carta, já que essa escrita era direcionada diretamente a ele e poderia conter críticas ou denúncias a seu respeito:

Se trataba de "diarios" o "cartas" dirigidas a sus confesores; describían sus sentimientos personales, dudas y experiencias visionarias. se pueden considerar de naturaleza autobiografica en tanto que fueron memorias de sus propias vidas. Por otra parte, también caben dentro del género de escritos de conciencia (Lavrin, 2008, p. 47).

Em seu *Diario Espiritual*, a autora escreve toda a sua rotina diária como forma de obediência e submissão ao seu confessor, ainda que contra sua vontade. O fragmento a seguir destaca o fato:

Al principio del diario -en el mes de febrero- la religiosa está perturbada por sus «sequedades» espirituales, y su sentimiento de ineptitud como monja. La tarea de escribir, como en otras ocasiones, le luce pesada y constrictiva. Cuando el confesor, aparentemente le quita la obligación de escribir, cree hallar una nueva felicidad, especialmente porque espera que le pueda dedicar todo el tiempo a su esposo Cristo. (Lavrin; López, 2002, p. 111).

Nesse viés, faz-se salientamos que o misoginismo da contra-reforma espanhola enraizou o conceito e a prática de negação feminina como retórica da escrita, o que se caracteriza como violência psicológica. Essa incapacidade é usada para criar uma confiança no leitor e/ou no ouvinte, considerando que o personagem feminino não transgride seu espaço social e intelectual. Sor María de Jesús Felipa absorveu esse conceito em sua educação religiosa e o repassa de forma natural em sua escrita, por um determinado tempo. A autora se submete às condições da época, vestindo-se de uma fraqueza para julgar e compreender as contradições de sua vida espiritual. Inclusive, Felipa chega a sugerir que seu confessor, por ser homem, saberia explicar melhor seus estados espirituais.

[...] cierto que si esto le sucediera a V. R o a mi R. Pe. cura no les costara trabajo darse a entender porque al fin son letrados y los ayudara esto para explicar suas

ansias interiores, pero yo como pobre mujer que en eso lo digo todo pues en este sexo se encerró toda ignorancia que me costará de angustias declarar lo que siento (...) (Felipa, 1758, p. 37-38).

Isso, nos permite interpretar o entendimento dessa fiel imposição de obediência e submissão, como uma nítida forma de violência psicológica. Sor Felipa decia “Me ahogaba, [me] atemorizaba de sólo pensar que había de escribir el cuaderno”. Exemplificamos a *Escrita Espiritual*, partir de Sor Juana Inés de la Cruz. A décima musa é solicitada a dedicar-se mais à escrita espiritual, constituindo como um motivo a mais para que ela responda a carta do seu questionador Manuel Fernández de Santa Cruz.

No pretendo, según este dictamen, que V. md. mude alguna vez el genio renunciando los libros, sino que le mejore, leyendo alguna vez el de Jesucristo. Ninguno de los evangelistas llamó libro a la genealogía de Cristos, si no es San Mateo, porque en su conversión no quiso este Señor mudarle la inclinación, sino mejorarla, para que si antes, cuando publicano, se ocupaba en libros de sus tratos e intereses, cuando apóstol mejorase el genio, mudando los libros de su ruina en el libro de Jesucristo (Cruz, 1690, 448).

Santa Cruz admite saber e entender o dom que a monja possui. Porém, ainda assim, a incita com tal provocação, pela obediência e submissão devida à ordem conventual, já que Sor Juana se dedicava muito aos poemas, cartas, crônicas, teatro e outros estudos. Ele tenta convencê-la utilizando-se do argumento de Justo Lipsio, que disse: “Ciencia que no es del Crucificado, es necesidad y sólo vanidad”. Nesse viés, inferimos que assim como em Sor María de Jesús Felipa, a violência é empregada no processo de escrita das autoras. No caso de Sor Juana Inés de la Cruz, havia o pedido/ordem, requerendo que a autora escrevesse sobre espiritualidade.

[...] pero digo a V. md. lo que aconsejaba Gersón: Préstese V. md., no se venda, ni se deje robar de estos estudios. Esclavas son las letras humanas y suelen aprovechar a las divinas; pero deben reprobarse cuando roban la posesión del entendimiento humano a la Sabiduría Divina, haciéndose señoras las que se destinaron a la servidumbre (Cruz, 1690, 448).

A pressão para escrever o caderno e se dedicar ainda mais à escrita espiritual pode ser vista como uma forma de controle sobre a freira, impondo uma obrigação que a faz sentir-se sufocada e amedrontada. Ao contrário do entendimento de Sor Juana sobre o ofício da Escrita Espiritual, esta era entendida pela sociedade como uma forma de expressão e conexão com sua fé, virtude lançada sobre as mulheres, intensificando sua ‘docilidade’. Sor Juana, apesar das dificuldades impostas, continuou escrevendo e produzindo importantes obras literárias e religiosas que inspiram até hoje.

CAPÍTULO III: O FEMININO NAS OBRAS DE RELIGIOSAS: PODER E SUBMISSÃO

“La libertad intelectual depende de las cosas materiales. La poesía depende de la libertad intelectual. Y las mujeres han sido pobres [...] desde siempre”.

Virginia Woolf (2016, p. 58).

Conforme anunciado na introdução desta monografia, a partir da leitura de importantes autoras mexicanas que viveram entre os séculos XVI e XIX, vemos manifestações intelectuais femininas, uma parte da sociedade tradicionalmente silenciada, apesar de sua importância. A mulher é considerada uma ‘protagonista ausente’ (Ulman, 1989), na história da literatura. A quase inexistência de figuras femininas nos manuais de Literatura ou de História, nos induz a dúvidas sobre a existência de manifestações literárias ou artísticas de autoras em determinadas épocas e sua potencialidade intelectual e criadora. Exemplo disso, são as obras dos séculos XVI, XVII e XVIII, abordadas nessa pesquisa, consideradas, até pouco tempo, sem importância para a literatura, já que eram tidas como ‘literatura espiritual’ ou ‘documentos religiosos’, que permaneceram fragmentados em diversas partes.

Nesse sentido, Lavrin (1990) explica:

La educación en casa o en el interior de un claustro era aceptable. Las monjas en los conventos, las beatas en los corregimientos, o las amigas en sus propias casas impartían la educación en la América española. Una minoría de mujeres en todas las colonias escribían bien, leían libros e incluso produjeron obras literarias. **Sus esfuerzos no han recibido una publicidad adecuada debido a que fueron escritos para audiencias reducidas, y no rivalizaban con las obras más perfeccionadas y pulidas de autores masculinos. Aunque hubo mujeres laicas que adquirieron reputación como escritoras, la mayoría de las escritoras del periodo colonial fueron monjas** (Lavrin, 1990, p. 15, negrito nosso).

Entretanto, a emergência por visibilizá-las, entender mais sobre o processo de escrita na vida cotidiana destas autoras e a forma como a sociedade as via, permitiu que voltássemos nosso olhar para elas e ressignificássemos suas experiências. Os conventos, locais onde esses textos foram produzidos, promoviam uma elaborada noção de santidade acerca das mulheres, mas pareciam como locais condenados ao esquecimento, devido à falta de um aparato teórico para apoiar a escrita feminina.

Provavelmente, uma das causas que explica a escuridão em que se encontram submersas, essa parte da literatura, seja exatamente a falta de liberdade intelectual e a dificuldade que as mulheres encontraram para acessar à educação. O sexo feminino vive historicamente uma posição de submissão, seja perante ao pai, ao marido, ao irmão, ao tio,

e/ou a qualquer outra autoridade religiosa, mas sempre, uma figura masculina. Isso justificaria, em parte, a escassa proporção de assinaturas femininas no mundo literário. Esse aspecto é abordado por Lavrin (2002, p. 50, negrito nosso):

La escritura entre muros y anónima fue el destino de la escritura femenina espiritual en la Nueva España. **En el siglo XVII la presencia silenciada de la pluma femenina se perfila entre penumbras en las obras de cronistas y biógrafos, únicos autorizados por la tradición para sacar letras a la luz.** Con la excepción de Sor Juana, sólo nos quedan retazos de existencias que, con velos en los rostros, se entreven o adivinan en cartas, recursos legales, biografías regaladas a confesores e historiadores e, irónicamente, en apretadas líneas de cuadernos de cuentas en los que se invirtieron muchas horas de trabajo anónimo.

Neste capítulo abordamos alguns dos nomes mais proeminentes na história das mulheres no México. Mariana de la Encarnación foi uma freira carmelita que fundou o Convento de San José ou Santa Teresa la Antigua na Cidade do México, local que se tornou um importante centro espiritual e cultural. Por sua vez, Sor Juana Inés de la Cruz é uma das figuras mais importantes da literatura mexicana, cuja obra literária e filosófica fez dela um símbolo do feminismo e da luta pela igualdade de gênero. Sua famosa Carta Atenagórica é uma resposta às críticas que recebeu de um bispo, na qual defende a educação e os direitos das mulheres. Irmã María de Jesús Felipa, por sua vez, é conhecida por seu Diário Espiritual ou Caderno Manuscrito, no qual narra sua vida religiosa e experiências místicas. Por último, Laura Méndez de Cuenca é uma escritora e ativista que tem defendido os direitos das mulheres e o feminismo no México, e cujo trabalho tem sido fundamental para tornar visível a luta pela igualdade de gênero no país.

3.1 MARIANA DE LA ENCARNACIÓN: *FUNDACIÓN EN LA CIUDAD DE MÉXICO DEL CONVENTO DE SAN JOSÉ O SANTA TERESA LA ANTIGUA* (SÉC. XVI)

Sor Mariana de la Encarnación Herrera de Pedroza (1571-1657), mais conhecida como *criolla chocolateira*, apelido indicado por ela mesma, ingressou em 1571, aos dezesseis anos, no convento de Jesús María, México. Até então, Mariana não sabia ler ou escrever, alfabetizando-se nesse lugar para que pudesse escrever ao seu confessor. Foi também por obediência, a escrita da obra: *Fundación en la Ciudad de México del Convento de San José o Santa Teresa la Antigua, (1641)*, pertencente a ordem das *Carmelitas Descalzas*. Essa obra nos permite verificar situações de submissão e violência psicológica. Outrossim, a crônica narra a tentativa de emancipação das monjas, objetivando se tornar personagens de notoriedade pública com participação social, política e econômica. Esse aspecto é percebido ao longo da leitura o seu desempenho dentro de uma sociedade em crescimento.

Figura 5: Fundação do Convento Real

Fundacion del Convento Real

de con que las hazen, ò por los empeños, y regalos con que las folicitan. Pero sin que lo embaraque este inconveniente, se emprendió la conclusion de la obra con fervor grande; y mas quando ofrecieron para ello las Religiosas, no defechables cantidades, con que estrecharon sus rentas.

46. Dirigia la obra *Alonso Martin Lopez*, insigne Arquitecto de aquellos tiempos; y como el Fiscal Superintendente no la perdía de vista, crecia de dia en dia con admirables aumentos, de que no poco se regocijaba el cuydoso Virrey, reconociendo el sazonado logro de su desvelo, vinculado en la eficacia de su asistencia, necesaria (porque así lo mandó) para haver de pagar cada semana à los oficiales; y como à esto se añadia la baratura con que se conseguían los materiales, por ser de los que se gastaban en la fábrica de la Iglesia Cathedral, en no muchos meses se consumó casi todo el edificio de la Iglesia con perfeccion admirable.

CAPITULO VIII.

Dizse alguna parte de la grandezga con que se dedicó la Iglesia del Real Convento.

(4^o.)

RINCIPÍABASE entonces el año de mil seiscientos y veinte y uno, en que con la Cédula Real, que lo contenia, tubo el Marques de Guadalucaçar noticia cierta de que se hallaba promovido para Virrey del Perú; y aunque *D. Diego Carrillo de Mendocá*, y *Pimentel*, Marques de Gelves, que havia de ser quien le sucediese en el gobierno de la

Fonte: Sigüenza y Góngora (1995).

Na leitura das obras de autoras da literatura feminina novohispana nos deparamos com uma escrita, salvo poucas exceções, de mulheres que declararam que suas escritas eram desenvolvidas à contragosto. A maioria dos textos de autoria feminina provinham do atendimento às ordens e decisões de seus confesores, dispostos a vigiar e controlar constantemente suas mais mínimas ações, até mesmo o fluxo de seu pensamento. Sor Mariana começa a carta com a seguinte expressão: *‘por obedecer a mis prelados y confesores’*. Essa passagem torna nítida a definição de um propósito para a escrita que ora se desenvolvia. Percebemos desde o início da crônica da autora, a violência psicológica, empregada para que ela escrevesse a obra.

A literatura feminina mexicana, produzida nos conventos, manteve-se, quase sempre, manuscrita, em cópias chamadas *‘de mano’*, que as religiosas-autoras encarregavam-se de produzir. Mariana de la Encarnación disse: “[...] unos cuadernos de la Vida de nuestra Santa Madre Tereza de Jesús... *Eran de mano* estos cuadernos, que sus libros aún no estaban impresos, y si lo estaban, no habían llegado a mi noticia [...]” (Pedrosa, 2015, p. 21).

Por sua vez, quando as monjas declaravam que escreviam por ordem de seu confessor, cumpriam com o voto da obediência, um dos quatro votos da vida conventual, que juntamente aos votos de clausura, castidade e pobreza, foram jurados no ato de entrada no convento. Nesse sentido citamos o que escreveu Mariana de la Encarnación em sua carta:

[...] antes de un año me hallaba tan distraída que me parecía ya materia de **obediencia** perfecta y religión ocuparme toda en lo que me mandaban y no con otros ejercicios que[//] me eran de trabajo... [**Parésemme he cumplido lo que me mandó la obediencia de escribir esta fundación tan prolixa y larga**] (Pedrosa, 2015, p. 21, negrito nosso).

O voto da obediência é obviamente um dos pontos mais importantes para ingressar na vida conventual, considerado o primeiro passo para a submissão. Além disso, quando seguem a ordem de escrever por imposição, as religiosas nos revelam as imposições de uma sociedade patriarcal que pretende manter a mulher no lugar historicamente determinado a ela: o de exclusão. A esse respeito Mariana de la Encarnación admite:

[...] pido humildemente perdón de las faltas y sobras. Pues si sabe que en mi cosecha no tengo más que ignorancia y desacierto, consuélame que no ha sido yerro de **obedecer y mortificarme en vencer la resistencia que en hacer ésto he tenido**; glorificado sea nuestro Señor por todos los siglos de los siglos, Amém. **La más imperfecta e indigna de este convento** (Pedrosa, 2015, p. 66).

Sor Mariana de la Encarnación conta em sua carta que quando chegou ao convento de Jesús María, percebeu que algumas monjas já se mostravam conformadas com a vida de submissão que ali levavam “las preladas con buen zelo y santa intención me mandaron por **obediencia** no leiese libro ninguno de romanse” (Pedrosa, 2015, p. 20, negrito nosso). A escritora, ainda nos relata que algumas monjas eram tão dotadas de obediência e submissão que faziam muito mais do que as obrigavam

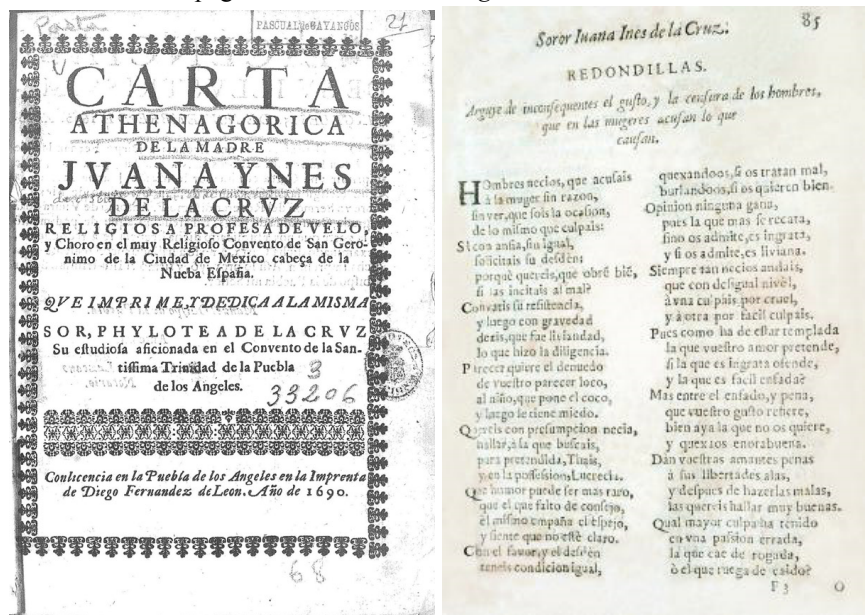
[...] de tan santa vida que se presume que aunque se casó no lo era en nada; su fervor era singular, caridad y **obediencia**, y tan trabajadora que no había oficio particular para ella, porque en **cumpliendo con los de su obligación, pedía licencia y hasía los de las demás religiosas** (Pedrosa, 2015, p. 61, negrito nosso).

Conforme é possível notar, a obediência era considerada uma virtude no comportamento das mulheres da época, sobretudo na vida religiosa. Nos conventos, esse tipo de monja, as obedientes, era também o exemplo de humildade, outra ‘virtude’ que se requeria em todas as monjas. Mariana conta que “nosotras no havíamos [venido] a esta fundación sino a dar exemplo de **humildad, penitencia** y retiro” (Pedrosa, 2015, p. 63, negrito nosso). As religiosas que não eram dotadas de obediência e humildade incorriam em casos de desobediência e não submissão à ordem religiosa.

3.2 SOR JUANA INÉS DE LA CRUZ: *CARTA ATENAGÓRICA RESPUESTA DE LA POETISA A LA MUY ILUSTRE SOR FILOTEA DE LA CRUZ E HOMBRES NECIOS QUE ACUSÁIS A LA MUJER* (SÉC. XVII)

Sor Juana Inés de la Cruz (Juana Inés de Asbaje y Ramírez, 1651-1695), foi uma das maiores figuras do cenário literário mexicano do século XVII. Sor Juana colecionou a honraria de ter seu nome juntamente a grandes autores do mencionado século e foi destaque na corte virreinal da Nova Espanha, por sua erudição e talento lírico. Em 1669 ela entrou no convento de San Jerónimo, no México, local onde pretendia dedicar-se exclusivamente aos seus anseios intelectuais. De fato, sua cela se converteu em um autêntico ponto de reunião para poetas e figuras importantes da sociedade mexicana.

Figura 6: Folha de rosto e página 85 da *Carta athenagorica de la Madre Juana Ynes de la Cruz*



Fonte: Strausz (2021).

Nítidamente, Sor Juana Inés de la Cruz representou um talento em uma época definida por Glantz (1995, p. 230) como: “un rígido aparato de control generalizado en donde, de muy especial manera, se vigilaba a la mujer para excluirla de los espacios visibles de poder”. A partir disso, podemos compreender o que essa incrível mulher enfrentou para alcançar sua autonomia intelectual. A obra *Carta atenagórica e Censura de los hombres*, nos permite conhecer sua dificuldade, frente ao domínio masculino que, de certa forma, impunha a autoridade patriarcal sob a ‘Décima Musa’. Percebemos que a relação entre Fernández de Santa Cruz e Sor Juana foi marcada por uma dualidade, composta pela obediência e desobediência. Ele, por sua vez, aconselha-a que seja mais obediente e submissa às regras religiosas do convento. Fernández acredita que o estudo e a dedicação aos conhecimentos, tornou-a alheia à religião, caracterizando Sor Juana como desobediente.

Letras que engedran elación, no las quiere Dios en la mujer; pero no las reprueba el Apóstol **cuando no sacan a la mujer del estado de obediente**. Notorio es a todos que el **estudio y saber han contenido a V.md. en el estado de súbdita, y que la han servido de perfeccionar primores de obediente**; pues si las demás religiosas por la obediencia sacrifican la voluntad, V. md. cautiva el entendimiento, que es el más arduo y agradable holocausto que puede ofrecerse en las aras de la Religión (Cruz, 1994, p. 2, negrito nosso).

Vemos, com o fragmento acima, que Fernández de Santa Cruz considera Sor Juana desobediente, dentro do convento de San Jerónimo. Em seguida, ele reafirma a provável desobediência por meio do trecho seguinte:

No es poco el tiempo que ha empleado V.md. en estas ciencias curiosas; pase ya, como el gran Boecio, a las provechosas, juntando a las sutilezas de la natural, la utilidad de una filosofía moral.[...] Y si gustare algunas veces de inteligencias dulces y tiernas, aplique su entendimiento al Monte Calvario, donde viendo finezas del Redentor e ingratitudes del redimido, hallará gran campo para ponderar excesos de un amor infinito (Cruz, 1994, p. 3).

A partir dos questionamentos de Santa Cruz, Sor Juana Inés de la Cruz responde ao seu superior hierárquico, não apenas como uma explicação, mas como uma defesa de si e ao direito à educação feminina. Inicialmente, ela avisa que contesta a carta contra sua própria vontade e em forma de obediência: “MUY ILUSTRE Señora, mi señora: No mi voluntad, mi poca salud y mi justo temor han suspendido tantos días mi respuesta⁶ [...] y casi me he determinado a dejarlo al silencio” (Cruz, 1994, p. 447).

Sor Juana Inés de la Cruz segue sua defesa com frases dotadas de sentidos e sentimentos. Essas não são palavras vazias, ao contrário disso, ao realizar sua ‘defesa’, a monja encontra um território, a partir do qual pode defender sua forma de levar a vida, a partir do desenvolvimento intelectual, no espaço religioso. Sor Juana, reveste-se de humildade e assume a posição de submissa, dizendo que recebe bem o conselho de tornar-se mais obediente:

[...] digo que recibo en mi alma vuestra santísima amonestación de aplicar el estudio a Libros Sagrados, que aunque viene en traje de consejo, tendrá para mí sustancia de precepto; con no pequeño consuelo de que aun antes parece que prevenía mi obediencia vuestra pastoral insinuación, como a vuestra dirección, inferido del asunto y pruebas de la misma Carta (Cruz, 1994, linhas, 117-123).

Em vários trechos, tais como os mencionados aqui, percebemos a importância da obediência e da submissão no processo de escrita de Sor Juana Inés de la Cruz. Não obstante, encontramos em sua obra alguns relatos de violência:

⁶ Respuesta de la poetisa a la muy ilustre Sor Filotea de la Cruz, linha 1.

Y, a la verdad, yo nunca he escrito sino violentada y forzada y sólo por dar gusto a otros; no sólo sin complacencia, sino con positiva repugnancia, porque nunca he juzgado de mí que tenga el caudal de letras e ingenio que pide la obligación de quién escribe (Cruz, 1994, linhas 166-172).

Outras descrições de violência na resposta de Sor Juana são destacadas, quando ela explica que tem medo de escrever sobre assuntos religiosos, pelo fato de sentir-se incapaz e, sobretudo, pelo medo do Santo Ofício: “Dejen eso para quien lo entienda, que yo no quiero ruido con el Santo Oficio, que soy ignorante y tiemblo de decir alguna proposición malsonante o torcer la genuina inteligencia de algún lugar” (Cruz, 1994, linhas 167-168).

A incessante necessidade de obediência, por parte de Sor Juana Inés de la Cruz, torna-a perseguida, uma vez que ela não lidava com temas espirituais, mas apenas dominava e se interessava pelos assuntos terrenos:

Pues aún falta por referir lo más arduo de las dificultades; que las de hasta aquí sólo han sido estorbos obligatorios y casuales, que indirectamente lo son; y faltan los positivos que directamente han tirado a estorbar y prohibir el ejercicio.[...] Pues Dios sabe que no ha sido muy así, porque las flores de esas mismas aclamaciones se han levantado y despertado tasles áspides de emulaciones y persecuciones, cuántas no podré contar, y los que más nocivos y sensibles para mí han sido, no son aquéllos que con declarado odio y malevolencia me han perseguido (Cruz, 1994, linhas 502-515).

A respeito das acusações e perseguições sofridas ao longo de toda sua trajetória, e em defesa das mulheres contra a dominação e imposição patriarcal, a escritora escreve o poema *Hombres necios que acusáis*, que vem a ser a composição mais lida, admirada e comentada no século XIX. Na poesia, a autora expõe a desigualdade e a injustiça, fenomenos dos quais as mulheres são vítimas, por meio do machismo e da discriminação feminina. Há uma intensa crítica à postura do sexo masculino, ante ao feminino, suas atitudes, dotadas de hipocrisia, egoísmo e impulsividade:

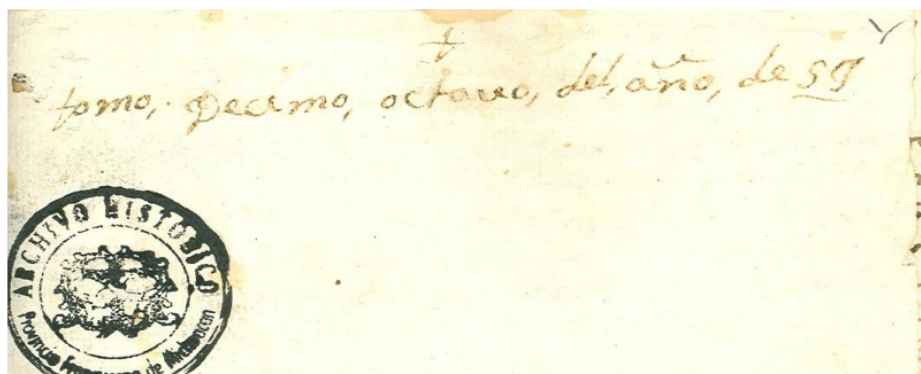
Hombres necios que **acusáis**
 A la **mujer**, sin razón,
 Sin ver que sois la ocasión
 De lo mismo que culpáis:
 Si con ansia sin igual
 Solicitáis su desdén,
 ¿ Por qué queréis que obren bien,
 Si las incitáis al mal?
Combatís su resistencia;
 Y luego con gravedad
 Decís que fué **liviandad**
 Lo que hizo la diligencia.
 (Hombres necios que acusáis, 1714, negrito nosso).

Podemos nomear Sor Juana Inés de la Cruz como a representante do movimento em defesa da mulher, sua liberdade intelectual e sua busca por espaço na sociedade. A autora é considerada uma das mais extraordinárias na literatura feminina mexicana.

3.3 SOR MARÍA DE JESÚS FELIPA: *DIARIO ESPIRITUAL O CUADERNO MANUSCRITO* (SÉC. XVIII)

Passamos ao evame do *Diario Espiritual o Cuaderno Manuscrito* de Sor Maria de Jesús Felipa. De acordo com Lavrin (2008), Sor María de Jesús Felipa, monja professa do convento de San Juan de la Penitencia, escreveu um caderno mensal a seu confessor no qual retratou tanto sua vida espiritual, como alguns acontecimentos cotidianos do convento. A imposição pela escrita dessas informações é fruto do voto de obediência (Kirk, 2009, p. 157), imposto a todas as monjas por seus confesores.

Figura 7: Trecho do caderno de Sor Felipa



Fonte: Felipa (1758).

Em três momentos diferentes, Sor Felipa reafirma essa obrigação de obediência, o primeiro deles encontra-se no fragmento a seguir: “Me valió porque vino su Pd. [Padre] y con su **reprehensión** me quitó todo aquel torbellino de confusiones y me preguntó si escribía, díjele que sí que **viéndome obligada a ello y que no tenía otra orden ya estaba siguiendo mi ejercicio**” (Felipa, 1758, p. 23, negrito nosso). O outro momento em que Sor Felipa aborda esse condicionamento é: “**Le escribí** a Vuestra Reverencia poniéndole, el como ya había puesto en ejecución su **obediencia** y mostré brevemente el cómo lo había hecho y el motivo de escribirle” (Felipa, 1758, p. 40, negrito nosso).

Finalmente, o fragmento seguinte elenca o terceiro momento:

Como sabe Vuestra Reverencia que es para **mí lo más sensible el escribir y no sé porque me sucede ese trabajo**, porque bien conozco el bien que de todas maneras

me resulta para con todo, no alcanzo en qué está la fuerte guerra que oprime a no ejecutarlo (Felipa, 1758, p. 122, negrito nosso).

Além da estrita obediência, uma característica bem interessante do *Diario Espiritual* foi a organização temporal, este não seguiu uma ordem cronológica da vida autora⁷ mas sim uma ordem de entrega ao confessor, por isso se organiza em meses e o qual deveria ser entregue pontualmente. Quando lemos a obra de Sor Felipa, nos deparamos com momentos de aflições e sofrimentos a respeito da escrita desses textos, ela declara constantemente sua insatisfação, sofrimento e aversão no cumprimento dessa tarefa (Lavrin, 2008) o que nos permite afirmar que o conceito de violência mencionado no primeiro capítulo desta pesquisa se fazia presente no processo de escrita da autora, como podemos ver nas próximas citações:

Señor y Padre mío, entre dos fuegos me parecía estaba mi alma hoy día primero, porque está deseosa de acabar de salir de esta vida, se hallaba como violenta y sin poder atender a nada sino entregada en aquel martirio y penas que sentía del dilatado plazo que miraba, pues ya empezaba otro mes y como ya estaba acabando con el escrito del pasado y de lo mismo que había manifestado me había quedado mayor temor (Felipa, 1758, p. 26, negrito nosso).

Outro trecho destaca esse aspecto: “recogida con mi divino esposo y permitió él que tuviera lugar de dar cuenta de esto y que no se dilatara pues todavía **estaba escribiendo y era el día último del mes**” (Felipa, 1758, p. 101, negrito nosso). Além disso, a necessidade da escrita é justificada: “entregada en el ejercicio del escrito y con el afán de entregarlo breve porque ya me parecía se me hacía junta de otros cuadernos sino entregaba el que estaba acabando” (Felipa, 1758, p. 129).

Por um longo período da sua vida escrever estas cartas ao seu confessor representou um grande martírio na vida de Sor Felipa. A função era realizada com a tentativa de demonstrar-se obediente e, ainda assim, Felipa teve suas obras censuradas por seu superior, uma vez que além de possuir autoridade para obrigá-la a escrever, ele também tinha poder para rasurar as linhas que considerava como ‘rastros de desobediência’ na escrita da monja. As marcas dessa censura são notáveis nos trechos: “de camino de esto [T] [T]⁸ le dije... pero mi [T] me echó”, bem como em uma outra passagem na qual, supostamente, a monja relata uma situação de violência física. Não sabemos a identidade de seu agressor, já que ela encontra-se omitida:

⁷ El diario no sigue una progresión cronológica a pesar de estar ordenado por meses. Sigue más bien un ritmo espiritual que refleja los estados de ánimo de la autora. Sin embargo hay incidentes de la vida conventual que, aunque no frecuentes, son memorias de momentos privilegiados de la vida doméstica de nuestra monja y del convento” (Lavrin, 2000, p. 52).

⁸ Entende-se como referência a tachado.

El cuerpo me lo molían a palos y el alma por su lado padecía penas de infierno, esto es verdad que sucede y creo que servirá de aliento a otras almas cuando se lean estas cosas y quizá, saldrán de sus encantamientos viendo que una gran pecadora y tan ruin llegó a conocer los lindos afectos de la obediencia y renuencia de la voluntad y juicio a los ministros del Señor (Felipa, 1758, p. 52-53, negrito nosso).

Outro exemplo de violência vivida por Sor Felipa, deriva de um conflito⁹ entre ela e a Madre Superiora, resultando em um castigo físico:

Me llamó su Reverenda a reconocer en qué estado estaba, fuile dando razón y su Reverenda conociendo por lo mismo que decía ser todo opresión del demonio, me puso la elección de el **ejercicio que más sintiera y repugnara... con que le pedí me diera sus pies, los descanse y me puse a lavárselos con mi lengua** (Felipa, 1758, p. 13, negrito nosso).

Diante ao exposto, afirmamos que Felipa esteve sob extrema submissão no convento em que viveu. Seu *Diario* ressalta a submissão presente na obra da autora. Felipa escreveu seu *cuaderno* por obediência, uma vez que era compelida a cumprir as ordens de seu confessor, submeteu-se a castigos físicos desumanos, algumas vezes, por demonstrar sua insatisfação, justamente perante à escrita. Esses aspectos refletem o poder que o confessor, a Igreja e o clero representavam sobre as monjas do Convento de San Juan de la Penitencia.

3.4 LAURA MÉNDEZ DE CUENCA: *EL DECANTADO FEMINISMO* (SÉC. XIX)

Laura Méndez de Cuenca nasceu em 18 de agosto de 1853 em Amecameca, México, filha de Ramón Méndez e Clara Lefort. Laura é reconhecida como uma escritora notável e dedicada à educação, responsável pelo desenvolvimento de um grande trabalho em prol da formação de professores em seu país. Sua obra abrange quase todos os gêneros literários. Graças à sua habilidade com a caneta e à sua vasta produção escrita, tornou-se uma das mais importantes figuras literárias do século XIX, considerada pela crítica literária como a sucessora de Sor Juana Inés de la Cruz, por seu ativismo político e ideais de luta pela promoção do direito e da liberdade das mulheres.

Nesse sentido, recuperamos o que foi explicitado na antepenúltima sessão, ao abordar algumas obras da ‘Décima musa’, relevantes para o século XIX, tendo em vista as intensas transformações na literatura mexicana no período. Nesse momento de grandes mudanças Laura de Cuenca, representou a voz e a resistência de que o sexo feminino precisava, em uma fase central da história do México. Além disso, Laura teve a responsabilidade de romper com o patriarcado mexicano, com esse objetivo, ela escreveu em um jornal de grande circulação o artigo intitulado *La Mujer Mexicana y su Evolución*, a partir de um percurso histórico desde

⁹ É possível verificar como ocorreu esse conflito no mês de Janeiro do *Cuaderno Manuscrito*.

as organizações sociais primordiais e a configuração do feminino nelas, até ao contexto social do século XIX:

La época patriarcal tuvo por causa la evidencia de la reproducción de la especie no sojuzgada aún por el criterio del hombre, todavía envuelto en la ignorancia como impenetrable capullo, de donde sólo el gran maestro, el tiempo, había de sacarle para de una vez (Cuenca, 2016, p. 45).

Sobre a mulher no contexto patriarcal Cuenca (2016, p. 56) ressalta:

El vocablo padre, en su origen, no significa otra cosa que tirano. Con todo, la mujer, en quien parece innato el sufrimiento y congénita a la abnegación, supo elaborar lentamente en el corazón del tirano del hogar, la tendencia a nobles ideales de admiración y amor; y así, un día aparecieron en el mundo profetas que propagaron religiones de igualdad y de virtud; de caridad hacia el enfermo, y desgraciado y el débil, ¿quién más débil y desgraciado que la mujer gimiendo en esclavitud.

No trecho citado acima, percebemos o sentimento de revolta da autora em relação à forma com que a mulher foi tratada ao longo dos séculos. Logo em seguida a essa crítica, Cuenca escreve *El decantado feminismo*, no qual retoma os valores da mesma cultura patriarcal que posiciona as mulheres como objetos de uso e não como sujeitos racionais e sociais. Sobre a configuração feminina mexicana e a condição social e histórica da mulher, Laura afirma:

Parte de la especie humana quiere tener derecho a la verdadera vida, a la intelectual que es la luz y no a la del topo a que se le ha condenado. **Quien ha dicho que su verdadero puesto es el hogar, ha dicho muy bien; pero quien supone que para ocupar dignamente ese “verdadero puesto” no ha menester sino tintura de los conocimientos humanos no tiene ni siquiera noción del significado moral de la familia. La mujer, formada por la naturaleza para vivir en sociedad con el hombre, necesita compartir con él el sentimiento y la virtud lo mismo que la ciencia y el arte.** Si el hombre fuera justo y honrado consigo mismo o ante sí mismo, y la mujer ilustrada, educada no sólo en el dominio de las pasiones (Cuenca, 2016, p. 377, negrito nosso).

Nesse viés, Laura continua escrevendo e causando burburinho na sociedade decimonónica¹⁰, em decorrência de seus textos denunciante, sofrendo algumas censuras. Contudo, isso não calou Laura que permaneceu em busca de dignidade, respeito e liberdade para aquelas que, por muitos séculos, viveram à mercê da submissão, que impediu a reverberação de suas vozes: “La mujer quiere solo emanciparse de la humillante dependencia masculina en que ha vivido siglos, porque la han nulificado intelectualmente, la han empequeñecido a sus propios ojos para darse el placer de compadecerla. Pero esto se acabó” (La mujer progresa, 1908. p. 1).

¹⁰ Referente ao século XIX.

Vimos, ao longo desta seção, que os temas abordados pela escritora mexicana abrangem dilemas sociais, que ultrapassam as preocupações literárias. Na verdade, as preocupações sociais passaram a interferir nos diferentes âmbitos da esfera coletiva, impactando as artes, dentre elas, a literatura. Como poeta, Laura é classificada como romancista e abordou temas polêmicos, como a desigualdade social, a opressão feminina e a discriminação racial. Durante o final do século XIX e início do século XX - quando seus textos mais importantes a sua obra tornaram-se palatáveis, sua presença já era notada em meios representativos da época, como a Revista Siglo XIX Azul.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A subordinação feminina é um tema que tem se destacado atualmente, tendo em vista a resistência das mulheres pela aceitação dos condicionamentos e imposições de uma cultura machista e patriarcal dominada por homens em diferentes aspectos sociais. Dentre os diferentes âmbitos da vida dos indivíduos, esse jogo de poder também encontra-se presente na literatura mexicana, principalmente no período focado por esta monografia (entre os séculos XVI e XIX). O período demarca grandes modificações no país, a partir de diferentes modificações históricas que constituíram a identidade e a cultura da sociedade mexicana.

Neste contexto, analisamos as contribuições de autoras mexicanas e seu impacto em um momento de franco desenvolvimento da literatura e cultura no país. Os objetivos específicos nos ajudaram a delinear os capítulos que compuseram a presente pesquisa. O primeiro objetivo: investigar a sociedade mexicana entre os séculos XVI e XIX, salientando suas principais modificações é alcançado no primeiro capítulo, momento no qual debatemos as diferentes influências que repercutiram na sociedade mexicana, sobretudo no campo da literatura, iniciada pela influência da literatura indígena, desenvolvendo-se até a produção de reflexões acerca da sociedade, política e economia da época.

Ainda no primeiro capítulo, cumprimos o segundo objetivo específico delineado na investigação: conhecer a vida e a obra de autoras mexicanas que se estabeleceram entre os séculos XVI e XIX. Debatemos a vida e a obra de cada uma das autoras: Mariana de la Encarnación Herrera de Pedroza, Sor Juana Inés de La Cruz, Sor María de Jesús Felipa e Laura Méndez de Cuenca, destacando sua origem e contexto histórico vivenciado por elas. O segundo capítulo desta monografia contempla outro objetivo definido na investigação: indicar, a partir da adoção de categorias analíticas, as experiências e vivências dessas autoras no período estudado.

Consideramos, após a leitura dos principais escritos dessas autoras, que suas vivências são permeadas pelas seguintes categorias analíticas: obediência, humildade, submissão e violência. Essas categorias foram baseadas em sua recorrência nos textos examinados, destacando os valores e comportamentos presentes na sociedade mexicana do período examinado, tendo em vista o jogo de poder e dominação masculina sobre o sexo feminino. No terceiro capítulo, indicamos, ainda filiando-nos ao segundo objetivo específico, as obras das autoras mexicanas abordadas nesta investigação.

Entendemos, a partir da investigação das vivências de importantes escritoras que viveram entre os séculos XVI e XIX, que os conventos foram marcados por desafios e

oportunidades únicas às mulheres, uma vez que proporcionaram-nas um meio para escapar aos papéis tradicionais de gênero e às normas culturais que limitada, em demasia, a participação feminina na sociedade. A mulher, marcada pela ignorância, alcança nos conventos uma oportunidade para se desenvolver intelectualmente, desobrigando-se do matrimônio. As vivências destacadas por Mariana de la Encarnación Herrera de Pedroza, Sor Juana Inés de La Cruz, Sor María de Jesús Felipa e Laura Méndez de Cuenca nos remetem não apenas aos dogmas religiosos, mas também à reflexões sobre as relações de poder, a busca por sua independência individual e sua intensa busca por um ‘lugar’ na sociedade.

Essas escritoras nos mostram que, nos conventos, as mulheres encontravam uma comunidade de apoio entre elas, onde podiam se dedicar ao estudo e à produção literária. Essas mulheres eram capazes de desenvolver habilidades e conhecimentos que as permitiam enfrentar os desafios e as restrições impostas pela sociedade patriarcal em que viviam. Porém, mesmo no ambiente conventual, essas mulheres ainda enfrentavam dificuldades e opressões, especialmente quando suas ideias e produções literárias iam contra as normas da Igreja e da sociedade em geral. Ainda assim, as escritoras aqui mencionadas deixaram um legado importante para a literatura e para a luta das mulheres por igualdade e justiça.

Investigações futuras podem indicar os reflexos das produções literárias em diferentes movimentos sociais, importantes para a sociedade mexicana e fundamentais para a inserção social das mulheres. As obras investigadas em nosso trabalho podem fundamentar estudos sobre os coletivos femininos na literatura mexicana, apresentando-os no âmbito educacional e contextualizando as raízes da literatura feminina, tão invisibilizada ao longo dos tempos às gerações atuais. Por fim, a vida conventual entre os séculos XVI e XIX, nos mostra diferentes condicionamentos para o sexo feminino. Tais efeitos podem ser investigados na atualidade, sobretudo, em relação à repercussão das freiras escritoras do período para as religiosas que habitam nos conventos mexicanos atualmente.

Indicamos que essas produções literárias têm um papel crucial na representatividade e no empoderamento feminino no México. Com base na literatura, as mulheres mexicanas, mesmo em um período de maior dominação e imposição masculina, têm, nos conventos, a oportunidade de expressar suas vozes e experiências, muitas vezes marginalizadas e silenciadas pela sociedade patriarcal. As obras literárias também têm o poder de inspirar e mobilizar movimentos sociais que lutam pela igualdade de gênero e pelos direitos das mulheres. Portanto, a investigação desses reflexos é fundamental para entendermos a importância da literatura feminina na luta e no fortalecimento da sociedade como um todo.

REFERÊNCIAS

ALVARADO, L. **Educación y superación femenina en el siglo XIX: dos ensayos de Laureana Wright**. México DF, Universidad Nacional Autónoma de México. 2005.

ANTON, B. F.; ROBLEDO, A. I. Yo había querido quemar aquellos papéises. Escritura de vida, convento e historiografía literária (siglos XVII-XVIII). *In.: Voces conventuales: escritura y autoría femeninas en Hispanoamérica (siglos XVII-XVIII)* (pp. 19-48). 2019. Disponível em: <https://rua.ua.es/dspace/handle/10045/125019>. Acesso em: 9 dez. 2023.

ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. Real Academia Española. **Sumisión**. 2023. Disponível em: <https://dle.rae.es/sumisi%C3%B3n>. Acesso em: 9 dez. 2023.

AZÚA, X. “Abrir los propios cofres” La escritura como conocimiento de sí misma. **Biblioteca virtual Miguel de Cervantes**. 2023.

AULETE DIGITAL. **Obediência**. 2023. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/obedi%C3%Aancia>. Acesso em: 9 dez. 2023.

BÍBLIA, A. T. Efésios. *In.: Bíblia Sagrada*. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.

BÍBLIA, A. T. Coríntios. *In.: Bíblia Sagrada*. Tradução de Fernando. 3ª Edição. São Paulo - SP: Editora NVI, 2023.

CHUMACERO, L. R. **Laura Méndez de Cuenca (1853-1928): nueve estampas en torno a una escritora singular**. Ciudad de México: Palabras Autónomas. 2018.

CHUMACERO, L. R. **Concepción Gimeno, Emilia Serrano y las escritoras mexicanas durante el siglo XIX**. Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2019.

CRUZ, J. I. de L. **Respuesta a Sor Filotea**. Edición de L. Ortega Galindo. Madrid: Editorial Nacional, 1978.

CRUZ, J. I. de L. Neptuno alegórico. *In.: CRUZ, J. I. de L. Obra selecta*. Selección y prólogo Margo Glantz. Caracas: Biblioteca Ayacucho, 1994, pp. 235-309.

CRUZ, J. I. de L. **Poesía, teatro, pensamiento**. Ed. Georgina Sabat de Rivers. Madrid: España: 2004.

CRUZ, J. I. de L. **Obras**. Barcelona: Red ediciones. 2024.

CRUZ, J. I. de L. **Carta de la Madre Juana Inés de la Cruz Escrita al Reverendo Padre Maestro Antonio Núñez, de la Compañía de Jesús**. *In.: PAZ, Octavio*. Sor Juana Inés de la Cruz ou As Armadilhas da Fé. São Paulo, Ubu Editora, 2017.

CUENCA, L. M. **Impresiones de una mujer a solas**. Una antología general. Fondo de cultura económica. 2016.

DAVISART. O primeiro poeta das Américas. **Sor Juana Inés de la Cruz**. Disponível em: <https://www.davisart.com/blogs/curators-corner/poet-sister-juana-ines-de-la-cruz/>. Acesso em: 9 dez. 2023.

DICCIONARIO DE AUTORIDADES (1726-1739). **Humildade**. Real Academia Española. Disponível em: <https://apps2.rae.es/DA.html>. Acesso em: 9 dez. 2023.

DICCIONARIO DE AUTORIDADES (1726-1739). **Obediência**. Real Academia Española. Disponível em: <https://apps2.rae.es/DA.html>. Acesso em: 9 dez. 2023.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. Violência. 2023. Disponível em: <https://www.aulete.com.br/viol%C3%Aancia>. Acesso em: 9 dez. 2023.

EMERSON, W. **The American Scholar**. Createspace Independent Publishing Platform. 2016.

ESCANDÓN, C. R. Concepción Gimeno de Flaquer: identidad nacional y femenina en México, 1880-1900, **Revista Arenal**, vol. 8, n.º 2, pp. 365-378. 2001. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/concepcion-gimeno-de-flaquer-identidad-nacional-y-femenina-en-mexico-1880-1900-980522/>. Acesso em: 9 dez. 2023.

ESTEVA, A. A. **México poético**. Colección de poesías escogidas de autores mexicanos formados por Adalberto Esteva al C. Presidente de la República. 1900.

FELIPA, Sor M. de J. **Cuaderno manuscrito anónimo**, sin título. Biblioteca del Congreso, E.U.A. Sección Manuscritos, "Diary of a Religious Mexican", Feb-Dec. 1758. MM59.

GARCÍA ICAZBALCETA, J. **Opúsculos y biografías**, prólogo y selección de Julio Jiménez Rueda. México: UNAM, 1942 (Biblioteca del Estudiante Universitario).

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GLANTZ, M. **El cuerpo inscrito y el texto escrito o la desnudez como naufragio**: Álvaro Núñez Cabeza de Vaca, en Borriones y borradores. Reflexiones sobre el ejercicio de la escritura (Ensayos de literatura colonial, de Bernal Díaz del Castillo a Sor Juana), México, Ediciones del Equilibrista, 1992.

GLANTZ, M. **Sor Juana Inés de la Cruz: Hagiografía o autobiografía?** Alicante : Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 1995.

GÓMEZ DE LA PARRA, J. **Fundación y primer siglo**. Crónica del primer convento de carmelitas descalzas en Puebla 1604-1704. México: Universidad Iberoamericana, Comisión Puebla V Centenario, 1992.

GÓNGORA, C. de S. y. Parayso occidental plantado y cultivado por la liberal y benéfica mano de los muy cathólicos y poderosos reyes de España nuestros señores en su Real Convento de Jesús María de México. Presentación Manuel Ramos Medina. Introd. Margo Glantz. México: UNAM-Centro de Estudios de Historia de México Condumex, 1995.

HENRÍQUEZ UREÑA, P. **Las corrientes literarias en la América Hispánica**, México, FCE, 1949.

- KIRK, S. “Padecer o morir: enfermedad, ejemplaridad y escritura en el convento novohispano”, **Estudios**, 17:33, p. 157. 2009.
- LA TORRE, A. de. **Visión delectable**. vol. XXXVI, Madrid: BAE, 1863.
- LAVRIN, A. Las mujeres tienen la palabra: outras vozes na história colonial do México. **História Mexicana**, v. 31, n. 2, 1981.
- LAVRIN, A. “La mujer en la sociedad colonial hispanoamericana”. In.: BETHELL, L. (ed.). **Historia de América Latina: América colonial: población, sociedad y cultura - v.4**. Barcelona: Crítica, 1990 (1984), pp. 109-137.
- LAVRIN, A. **Espiritualidad en el claustro novohispano del siglo XVII**, Colonial Latin American Review, 4:2, 155-180. 1995. Disponível em: 10.1080/10609169508569867. Acesso em: 11 dez. 2023.
- LAVRIN, A.; LÓPES, R. L. **Monjas y beatas: la escritura femenina en la espiritualidad barroca novohispana: siglos XVII y XVIII**. 2002.
- LAVRÍN, A. **Las esposas de cristo: La vida conventual en la Nueva España**. México: Fondo de Cultura Económica, 2008.
- LEÓN, F. L. de. **La perfecta casada**. Buenos Aires: Espasa-Calpe, 1950.
- LUGARES INAH. Museo de Arqueología Maya del Camino Real de Hecelchakán. **Indumentaria de las monjas novohispanas**. Disponível em: https://lugares.inah.gob.mx/en/museos-inah/museo/museo-piezas/8279-8279-10-95192-indumentaria-de-las-monjas-novohispanas.html?lugar_id=392&item_lugar=475&seccion=lugar. Acesso em: 9 dez. 2023.
- MARTINEZ, J. L. **La emancipación Literaria de Mexico**. México: Antigua Librería Robredo. 1955.
- MEDINA, P. **Arte De Navegar: En el que se contienen todas las reglas**. Mairena del Aljarafe. Sevilla: Extramuros, 2008.
- MEDINA, G. S.; LÓPEZ, A. A. Una noción poética de la patria mexicana: Esther Tapia de Castellanos y la poesía nacionalista del siglo XIX. **Letrônica**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. e35088, 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/letronica/article/view/35088>. Acesso em: 11 dez. 2023.
- MEDINA, G. S.; LÓPEZ, A. A. Una noción poética de la patria mexicana: Ester Tapia de Catellanos y la poesia nacionalista del siglo XIX. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 1-17. 2020.
- MÉNDEZ DE CUENCA, L. **El decantado feminismo y otros textos**. México: Universidad Autónoma del Estado de México. 2017 [1907].

- MEXIQUENSE. Recuerdan en la filem 2020 a la escritora Laura Méndez de Cuenca. **Laura Méndez de Cuenca**. 2023. Disponível em: <https://radioyvmexiquense.mx/index.php/2020/10/01/recuerdan-en-la-filem-2020-a-la-escritora-laura-mendez-de-cuenca/>. Acesso em: 9 dez. 2023.
- MOCTEZUMA, P. M. **Una aproximación a la ficción narrativa de escritoras mexicanas contemporáneas: de los ecos del pasado a las voces del presente**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2018.
- MURIEL, J. **Las mujeres de hispanoamérica**. Madrid: Mapfre, 1992.
- NUÑEZ, A. **Pláctica doctrinal en la profesión de una Señora religiosa del convento de San Çlorenzo** (México,1710), 6; Cartilla de la doctrina religiosa (México,1708),12.
- OLIVARES, C. C.; RAMÍREZ, C. I.; DELGADO, C. S. L. **Mariana de la Encarnación. Relación de la fundación del convento antiguo de Santa Teresa**. Coyoacán: Universidad Nacional Autónoma de México, 2015.
- PARKER, A. Luis de Górgola. **Fabula de Polifeo y Calatea**. Edinburgh University. 1983.
- PARRA, G. de la. **Fundación y primero siglo**. Crónica del primer convento de carmelitas descalzas en Puebla, 1604-1704. México: Universidad Iberoamericana/ Comisión Puebla V Centenario. 1992.
- PAZ, O. **Sor Juana Inés de la Cruz o Las trampas de la fe**. Lengua y estudios literarios. Fondo de Cultura Economica. 1982.
- PEDROZA, M. de L. E. H de. **Relación de la fundación del Convento Antiguo de Santa Teresa**. Mariana de la Encarnación; codirección y edición Clara Ramírez, Claudia Llanos; selección y transcripción paleográfica Citlali Campos Olivares. -- Primera edición. 2015.
- PLANCARTE, F. R. **La Ciudad de México durante la revolución constitucionalista**. Botas, 2. ed. 1941. Pedrosa, 2015
- SÁNCHEZ, A.; LANDAVAZO, M. (coords.). **Conflicto y reconciliación. España y las naciones hispanoamericanas en el siglo XIX**. Madrid: Marcial Pons, 2022.
- SAN JUAN, J. H. **Examen de ingenios para las ciencias**. Barcelona, Promociones y Publicaciones Universitarias, 1988 (primera edición, Baeza, 1575).
- SAVOCA, M. “Hombres necios que acusáis a la mujer sin razón...” / “In difesa delle donne”. El manifiesto “feminista” de Sor Juana Inés de la Cruz traducido al italiano . **ENTHYMEMA**, [S. l.], n. 31, p. 52–65, 2023. Disponível em: <https://riviste.unimi.it/index.php/enthymema/article/view/18417>. Acesso em: 11 dic. 2023.
- SILVA, E. **Sor Juana Inés de La Cruz: uma breve leitura das invocações e características de Maria**. 2015. 147f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.
- SIQUENZA Y GÓNGONA, C. **Parayso occidental plantado y cultivado por la liberal y benéfica mano de los my cathólicos y poderosos reyes de España nuestros señores en su Real Convento de Jesús María de México**. Presentación Manuel Ramos Medina. Introd. Margo Glantz. México: UNAM- Centro de Estudios de Historia de México Conduex, 1995.

STRAUSZ, E. **Juana Inés de La Cruz**. Rede Brasileira de Mulheres Filósofas. 2021. Disponível em: <https://www.filosofas.org/quantas-juana-in%C3%A9s>. Acesso em: 11 dez. 2023.

ULLMAN, J. C. de. **La protagonista ausente**. La mujer como objeto y sujeto de la historia de España. p. 12-44, 1989.

VIGIL, J. M. **La mujer mexicana**. Estudio escrito y dedicado a la distinguidísima Señora Doña Carmen Romero Rubio de Díaz, México, Oficina tipográfica de la Secretaría de Fomento, 1893.

VIGIL, J. M. **Historia de la literatura mexicana**. México: s.e., 1909.

VIVES, J. V. **Precedentes mediterraneos del virreinato colombino**. Anuario de Estudios Americanos. Sevilla, v. 5, 1948.

WARNKE, G. **Justice and Interpretation**. Cambridge, Polity Press. 1992.

WOOLF, V. **Una habitación propia**. Austral. 2016.

ZORITA, M. Regreso al Futuro: los audiolibros hace 400 años. ElPlural. **Mariana de la Encarnación Herrera de Pedroza**. 2018. Disponível em: https://www.elplural.com/sociedad/cultura/regreso-al-futuro-los-audiolibros-hace-400-anos_200396102. Acesso em: 9 dez. 2023.